

Isis Maria Barbosa Azevedo

## MEMÓRIAS DO HABITAR:

O Centro Histórico de São Luís/MA por seus moradores.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**ISIS MARIA BARBOSA AZEVEDO**

**MEMÓRIAS DO HABITAR:**

O Centro Histórico de São Luís/MA por seus moradores.

São Luís  
2024

**ISIS MARIA BARBOSA AZEVEDO**

**MEMÓRIAS DO HABITAR:**

O Centro Histórico de São Luís/MA por seus moradores.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade  
Estadual do Maranhão para o grau de Bacharel em  
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marluce Wall de Carvalho  
Venâncio  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Bruna Andrade Ferreira

São Luís  
2024

Azevedo, Isis Maria Barbosa.

Memórias do Habitar: o Centro Histórico de São Luís/MA por seus moradores. / Isis Maria Barbosa Azevedo – São Luís, 2024.

105 f.: il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Marluce Wall de Carvalho

1. Centro Histórico. 2. Habitar. 3. Memória. I. Título.

CDU: 728:930.85(812.1)

**Elaborada por Raimunda Aires - CRB 13/939**

**ISIS MARIA BARBOSA AZEVEDO**

**MEMÓRIAS DO HABITAR:**

O Centro Histórico de São Luís/MA por seus moradores.

Monografia apresentada junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 04/04/2024

**BANCA EXAMINADORA**



Documento assinado digitalmente

**MARLUCE WALL DE CARVALHO VENANCIO**

Data: 15/04/2024 12:41:43-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marluce Wall de Carvalho Venâncio (Orientadora)**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

---

**Prof.<sup>a</sup> Bruna Andrade Ferreira (Coorientadora)**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Documento assinado digitalmente

**JESSICA MENDONCA DE CARVALHO**

Data: 15/04/2024 12:41:44-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

**Ma. Jessica Mendonça de Carvalho (Examinadora)**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Ao Centro e seus moradores.  
Por serem parte fundamental desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que tem sido meu alicerce ao longo de toda minha vida. Sua presença constante é minha fonte de força e esperança, guiando-me com sua infinita graça e amor, sem nunca deixar me abalar ou duvidar de minha fé.

Aos amigos da vida, da faculdade, a minha prima, Mariana, minha irmã Catarina e ao meu namorado, Otávio André, que foram suporte essencial durante esse período. Em especial, agradeço a Ana Julia, Isadora, Melissa e Camila que não só tornaram essa jornada tão maravilhosa, mas também compartilharam comigo a experiência de fazer este trabalho.

À equipe da Superintendência de Patrimônio Cultural, em especial a Giulianne, Eduardo e Paulo, que me deram a oportunidade de vivenciar esse mundo incrível que é o patrimônio cultural, e aos amigos que fiz por lá, especialmente Élcio, Henrique, João, Kaled, Leticia, Marcela e Yasmim.

À minha orientadora, Marluce, que ao me presentear com essa ideia linda, me permitiu crescer tanto pessoalmente, tanto academicamente. E a todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo pelos ensinamentos durante esses 5 anos.

À minha família paterna que nunca deixou de ser abrigo em momentos tão difíceis e aqui posso homenagear eternizando nossa história para futuras gerações. E à materna, que é meu exemplo de superação e resistência, principalmente minha avó Maria Romana, que apesar de todas as adversidades da vida, não se deixou abalar.

A meu pai, que partiu muito cedo e não teve oportunidade de me olhar indo atrás dos meus sonhos, mas é sempre meu guia e exemplo, mesmo na ausência física. Tenho certeza que teria orgulho de todas minhas conquistas e que me ilumina de onde quer que esteja. Espero que um dia possamos nos encontrar novamente.

Agradeço a minha mãe, cujo apoio incansável foi fundamental para a realização dos meus sonhos. Ela sempre esteve ao meu lado, incentivando-me, orientando-me e sendo meu porto seguro em todos os momentos. Sua dedicação, amor incondicional e paciência foram essenciais em cada fase da minha jornada, e sem ela, nada disso seria possível. Sou imensamente grata por ser sua filha.

E por fim, minha mais profunda gratidão a todos os entrevistados que gentilmente dedicaram seu tempo e compartilharam suas preciosas memórias para este trabalho. Cada relato oferecido contribuiu significativamente para enriquecer este estudo e fez parte de um pequeno quebra-cabeça, ainda incompleto, das mais belas memórias que esse bairro tem a oferecer, permitindo assim que muitas outras pessoas possam conhecer e passar a amar também.



“Porque se chamavam homens  
Também se chamavam sonhos  
E sonhos não envelhecem”

Clube da esquina nº2, Milton Nascimento.

## RESUMO

Ao longo das últimas décadas, o Centro tem sido associado a um espaço vazio, desprovido de vida e habitabilidade. No entanto, considerar o Centro como vazio urbano é ignorar a riqueza cultural, histórica e social que habita e contribui para a preservação do bairro. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo principal registrar as memórias e vivências dos habitantes do Centro Histórico de São Luís, visando preservar e documentar esse valioso patrimônio cultural e humano, ao destacar as histórias pessoais e as conexões emocionais com o bairro. Pretende também entender como a evolução urbana da cidade impactou a demografia e na narrativa de que o Centro é um local abandonado, assim como analisar o conceito de Habitar aplicado à experiência de habitar Centros Históricos. Por meio de entrevistas e relatos pessoais, busca-se resgatar as experiências únicas e as narrativas dos moradores, oferecendo um olhar autêntico sobre a história e a identidade desse emblemático bairro.

**Palavras-chave:** Centro Histórico; Habitar; Memória.

## **ABSTRACT**

Over the last few decades, the center has been associated as an empty space, devoid of life and habitability, however, consider the center as an urban void is ignore the cultural, historical and social richness that it inhabits and contributes to the preservation of the neighborhood. Therefore, the main objective of this work is to record the memories and experiences of the inhabitants of the Historic Center of São Luís, aiming to preserve and document this valuable cultural and human heritage, by highlighting personal stories and emotional connections with the neighborhood. It also aims to understand how the urban evolution of the city has impacted the demography and the narrative that the center is an abandoned place, as well as analyzing the concept of Dwell applied to the experience of Inhabiting Historic Centers. Through interviews and personal stories, we seek to rescue the unique experiences and narratives of residents, offering an authentic look at the history and identity of this emblematic neighborhood.

**Keywords:** Historic Center; Dwell; Memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1:</b> “Urbs S. Ludovici” impresso em 1647 em Amsterdã. ....   | 20 |
| <b>Figura 2:</b> Praça Benedito Leite, 1908. Foto: Gaudêncio Cunha. ....   | 22 |
| <b>Figura 3:</b> Mapas do relevo e evolução urbana de São Luís. ....   | 23 |
| <b>Figura 4:</b> Mapa esquemático das saídas do Centro Histórico para várias áreas de expansão urbana.....   | 23 |
| <b>Figura 5:</b> Reunião do grupo de trabalho sobre infraestrutura durante a 1ª convenção da Praia Grande. ....  | 25 |
| <b>Figura 6:</b> Zonas e limites de proteção cultural no Centro antigo de São Luís. ....   | 29 |
| <b>Figura 7:</b> Mapa de localização dos setores censitários. ....   | 31 |
| <b>Figura 8:</b> Mapa de Uso do Solo. ....   | 34 |
| <b>Figura 9:</b> Mapa de Uso do Solo da Área do Desterro.....  | 35 |
| <b>Figura 10:</b> Comparação Mapas de Uso do Solo.....   | 36 |
| <b>Figura 11:</b> Liceu Maranhense (1949) .....  | 54 |
| <b>Figura 12:</b> Cartão fotográfico emitido por Foto Nômade. Casarão dos Carvalho. Verso do cartão: “casa da família do poeta Joãozinho Ribeiro”. Localização: rua Afonso Pena ou rua Formosa, nº 394, esquina com travessa da Lapa. Bairro do Desterro. Cartão datado em 09.09.2013. São Luís/MA. .... | 57 |
| <b>Figura 13:</b> Primeira geração de sua família, com os bisavôs ao Centro .....  | 58 |
| <b>Figura 14:</b> Largo da Igreja do Desterro, 1948. Fotografia de Pierre Verger. ....   | 61 |
| <b>Figura 15:</b> Convento das Mercês (1974). ....   | 61 |
| <b>Figura 16:</b> Joãozinho recebendo o prêmio de Mérito Cultural da UFMA em 2022. ...   | 62 |
| <b>Figura 17:</b> Páginas 23 e 24 do livro Paisagem feita de tempo. ....   | 65 |
| <b>Figura 18:</b> Casarão n.140 da Rua do Ribeirão antes da Reforma.....   | 69 |
| <b>Figura 19:</b> Casarão Porta e Janela depois da Reforma. ....   | 70 |
| <b>Figura 20:</b> Jessica apresentando sua tese.....   | 73 |
| <b>Figura 21:</b> Henriqueta e o Pai na sacada de sua casa. 2005.....  | 76 |
| <b>Figura 22:</b> Henriqueta brincando com amigos na praça da Faustina. 2005. ....   | 77 |
| <b>Figura 23:</b> Capa do Livro Castelo da Poesia.....   | 78 |
| <b>Figura 24:</b> Livro Vidas Profanas. 2018. ....   | 81 |
| <b>Figura 25:</b> Ponte Governador José Sarney, ano desconhecido. ....   | 86 |
| <b>Figura 26:</b> Padaria Santa Maria, localizada na esquina da rua das Flores com a rua dos Afogados. ....  | 88 |

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 27:</b> Colégio Ateneu Teixeira Mendes (anos 50). ..... | 90 |
| <b>Figura 28:</b> Coral ao longo dos anos. ....                   | 91 |
| <b>Figura 29:</b> Os filhos de Francisco e Hilneth.....           | 92 |
| <b>Figura 30:</b> Fachada da primeira Pousada .....               | 96 |
| <b>Figura 31:</b> Fotos de Naninha (Hilneth) na cozinha. ....     | 97 |
| <b>Figura 32:</b> Segundo Cristo Rei .....                        | 98 |
| <b>Figura 33:</b> Segunda Pousada Atualmente.....                 | 99 |

## LISTA DE SIGLAS

|         |   |
|---------|---|
| BEM     | Banco do Estado do Maranhão   |
| BID     | Banco Interamericano de Desenvolvimento   |
| CAEMA   | Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão   |
| CEUMA   | Centro Universitário do Maranhão  |
| CH      | Centro Histórico  |
| CI      | Conservação Urbana Integrada  |
| FAPEMA  | Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão |
| FAU     | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  |
| FEMACO  | Festival Maranhense de Coros  |
| FUMPH   | Fundação Municipal de Patrimônio Histórico  |
| FUNC    | Fundação Municipal de Cultura   |
| IBGE    | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística   |
| INCID   | Instituto da Cidade, Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural                             |
| IPHAN   | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Natural                                   |
| MAPA    | Maranhão Parcerias  |
| OLEAMA  | Oleaginosas Maranhenses S.A   |
| PAC     | Programa de Aceleração do Crescimento   |
| PIBIC   | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica                                |
| PPRCHSL | Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís                 |
| SECID   | Secretária das Cidades e Desenvolvimento Urbano   |
| SECMA   | Secretária de Cultura do Maranhão   |
| SPHAN   | Serviço do Patrimônio Nacional  |
| SPSH    | Subprograma de Promoção Social e Habitação  |
| UEMA    | Universidade Estadual do Maranhão   |

|        |  |
|--------|--|
| UFMA   | Universidade Federal do Maranhão                                     |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |
| UNIJUV | União da Juventude do Desterro                                       |
| ZBM    | Zona do Baixo Meretrício   |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                      | <b>16</b>  |
| <b>2 O BAIRRO .....</b>  | <b>20</b>  |
| <b>3 PERFIL DEMOGRÁFICO .....</b>                              | <b>29</b>  |
| <b>4 HABITAR .....</b>   | <b>37</b>  |
| <b>5 MEMÓRIAS.....</b>   | <b>42</b>  |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                            | <b>101</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>102</b> |
| <b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> | <b>105</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

O Centro de São Luís foi o marco inicial de formação da cidade e por muito tempo, a cidade em sua totalidade. Possui 270 hectares e 5.500 edificações, e é reconhecido como um dos grandes conjuntos de arquitetura colonial de origem portuguesa dos séculos XVIII e XIX (Andrés, 2006), por esse motivo, tem uma importante função turística e histórica, não só material, mas também imaterial. Apesar dessa importância, durante o século XX, até a década de 70, encontrava-se em situação de arruinamento, devido às recessões econômicas que acometeram a cidade e à expansão urbana que deslocou habitantes do Centro para outras partes da cidade. A partir desse momento, muitas pessoas começaram a considerar o Centro de São Luís como um vazio urbano.

A ideia de "vazio urbano" é frequentemente descrita como uma parte sem construção ou um espaço não ocupado. Portanto, esses vazios, como partes socialmente construídas, têm características específicas, e estão localizados em lugares determinados. Considerar o Centro como um vazio urbano pode ser uma perspectiva válida, dependendo do ponto de vista que se está analisando. Tradicionalmente, o Centro da cidade é visto como o coração pulsante da atividade urbana, onde há uma concentração significativa de edifícios, comércio, cultura e vida social. No entanto, em algumas análises urbanísticas contemporâneas, o Centro pode ser considerado um "vazio" em termos de espaços públicos de qualidade ou até mesmo em termos de diversidade funcional.

O Centro de São Luís é erroneamente tido como vazio urbano quando se leva em consideração apenas o bairro da Praia Grande como Centro. A quantidade de prédios que foram abandonados pela elite econômica devido às quedas na economia e ao êxodo causado pela expansão territorial que a cidade passou, levando a população para bairros mais próximos à orla, corrobora com esse discurso. Porém o Centro Histórico (CH) de São Luís abrange além do bairro da Praia Grande, o bairro do Desterro e o Centro e estes juntos, contam com uma das melhores infraestruturas urbanas da cidade.

Além disso, é importante considerar a importância de centros históricos para uma sociedade. Eles representam o patrimônio de uma cultura, são um relicário do passado, símbolo de toda uma identidade cultural e econômica de antigamente e,

principalmente, guardam memórias. “Uma cidade sem memória é uma cidade sem história, onde os cidadãos vivem individualmente, sem se preocupar com o social” (Rodrigues, 2011).

Este trabalho se faz relevante ao poder documentar histórias que preservam costumes e tradições que muitas vezes são sufocadas pela narrativa do bairro ser abandonado, ignorando toda a riqueza cultural, histórica e social, e os habitantes que aqui residem e contribuem para preservação do bairro.

Sendo assim, tem como objetivo principal documentar memórias de habitantes do Centro como forma de preservar narrativas até então desconhecidas e assim preservar também a identidade do bairro, destacando a riqueza dos valores sociais, culturais e humanos presentes. Além disso, de maneira específica buscou-se também entender como pode ter se iniciado a narrativa do Centro como um vazio urbano para tentar desmistificar essa ideia e fazer uma análise do que significa o habitar no Centro Histórico

Para que os objetivos do trabalho fossem alcançados foi adotada uma abordagem de pesquisa qualitativa que se propõe a investigar dados e descrições de determinada situação. Minayo (2010, p. 57) se refere à pesquisa qualitativa como “[...] aquela que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem”. O fato de se pretender recolher dados no ambiente natural em que as ações ocorrem, descrever as situações vividas pelos participantes e interpretar os significados que estes lhe atribuem, justifica a realização de uma abordagem qualitativa, buscando sempre a compreensão dos fenômenos de modo distinto para se produzir novos saberes.

Os procedimentos metodológicos usados para a elaboração deste trabalho foram a pesquisa documental, o levantamento de dados bibliográficos, que se mostram eficientes para um estudo científico sistematizado, e entrevistas que trazem um olhar mais humano, já que irão tratar da história de vida de moradores e ex-moradores do Centro. Tal levantamento de dados foi obtido por meio de uma revisão de literatura encontrada em livros, artigos científicos, dissertações e teses que tratam do habitar e do Centro Histórico.

A modalidade de amostragem de história de vida permite que o pesquisador entenda seu objeto de pesquisa mais a fundo. Este trabalho baseia-se

então em histórias coletadas de moradores do Centro que ainda residem no local ou que por algum motivo se mudaram, mas que guardam memórias que serão de extrema importância para a elaboração do trabalho.

O outro método de amostragem utilizado foi o de bola de neve (Coleman, 1958 e Goodman, 1961) que se qualifica por encontrar membros de uma população-alvo. Essa técnica pressupõe uma conexão entre esses indivíduos, onde um é capaz de identificar o outro e fornecer informações valiosas ao pesquisador (Faugier e Sargeant, 1997 *apud* Dewes, 2013).

Para iniciar o desenvolvimento da pesquisa, o segundo capítulo deste trabalho, intitulado “O Bairro”, tem como propósito fornecer um contexto sobre a formação e evolução do Centro Histórico de São Luís. Pretende-se analisar as diversas transformações que essa área enfrentou ao longo do tempo, examinando como a construção do discurso que a caracteriza como um “bairro fantasma” pode ter se originado. O capítulo busca, assim, lançar luz sobre os eventos históricos, urbanísticos e socioculturais que moldaram a identidade do Centro Histórico, contribuindo para a compreensão de sua narrativa atual com fundamentação teórica de autores como Cafeteira (1994), Andrés (2006) e Vargas (2009).

O Capítulo 3, busca demonstrar, por meio de dados obtidos nos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e mapas de uso, informações sobre a quantidade e a variação do número de habitações no Centro Histórico ao longo dos anos. A análise desses dados serve para avaliar as dinâmicas habitacionais na região, permitindo uma compreensão mais aprofundada das mudanças demográficas e de ocupação do espaço no decorrer do tempo.

O Capítulo 4, intitulado “Habitar”, propõe uma reflexão sobre o conceito de habitar, explorando as perspectivas de autores como Juhani Pallasmaa (2017), Norma Lacerda (2012), Claval (2010) e também dos entrevistados. Aborda como habitar transcende a mera ocupação de um espaço físico, incorporando elementos como tempo, memória e, no contexto específico do Centro Histórico, desempenha um papel crucial na preservação e resistência. A análise busca proporcionar uma compreensão mais ampla do significado de habitar e sua importância complexa na dinâmica do Centro Histórico.

Para finalizar, o capítulo 5, intitulado “Memórias”, foca na documentação das histórias de moradores. Sua intenção é evidenciar a importância das narrativas

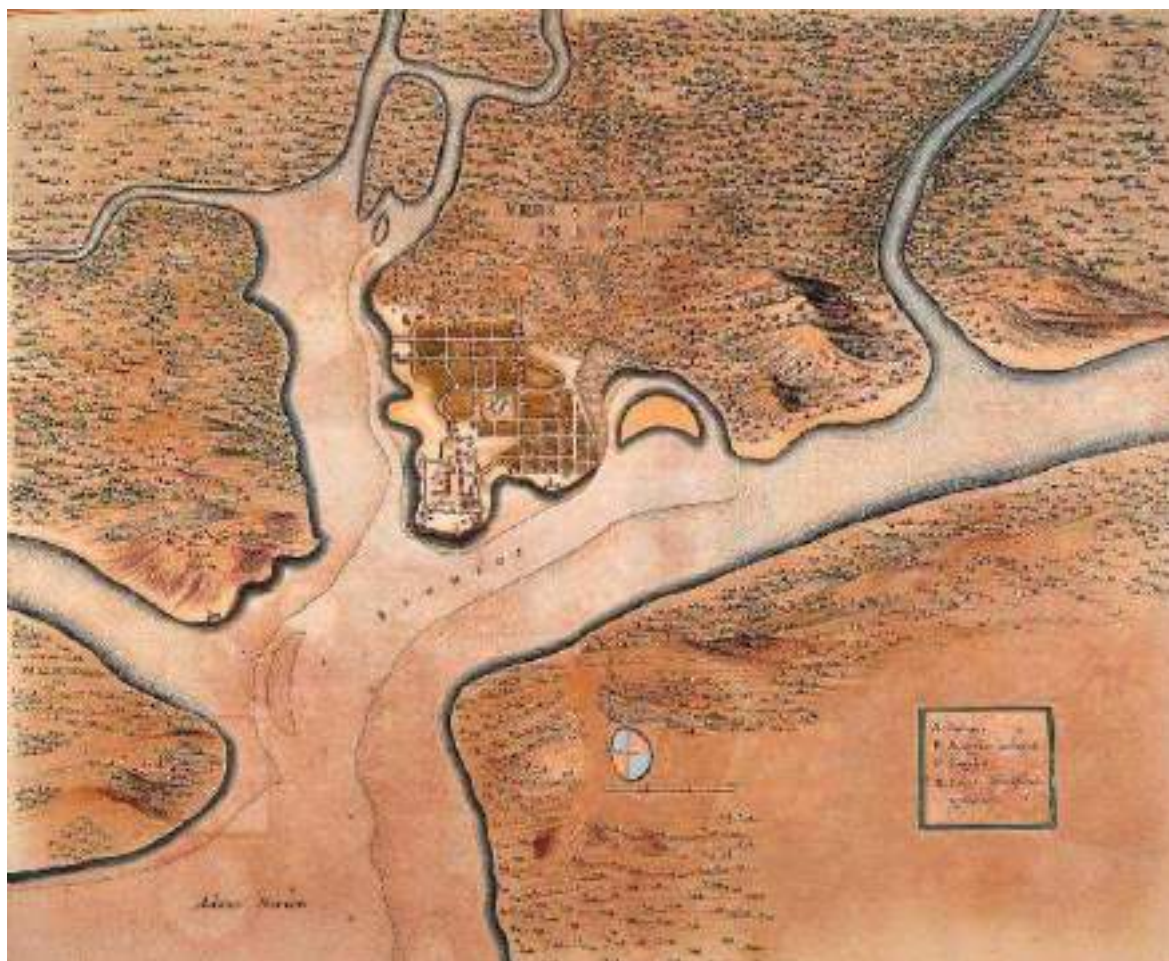
peçoais como instrumento para ajudar na preservação da identidade comunitária, capturando memórias, tradições e experiências que são fundamentais para entender a identidade e a história local e assim contribuir para evitar a descaracterização do bairro. Além disso, é possível ao explorar as perspectivas individuais dos moradores, compreender as transformações urbanas ao longo do tempo.

## 2 O BAIRRO

A fundação da cidade São Luís é datada no ano de 1612, quando a ilha, lar dos índios tupinambás, foi ocupada por franceses para implementação da “França Equinocial”. Após isso, portugueses preocupados em perder o domínio da costa nordeste enviam Jerônimo de Albuquerque em 1615 para retomar o território.

A fim de assegurar certa ordem na ocupação, determinam ao engenheiro-mor do Estado do Brasil, Francisco Frias de Mesquita, a função de projetar fortalezas e a criação de um plano de arruamento que serviria como referencial para expansão local.

**Figura 1:** “Urbs S. Ludovici” impresso em 1647 em Amsterdã.



Fonte: Andrés, 2006.

Em 1641, a cidade é invadida por holandeses a mando de Maurício de Nassau. Essa ocupação durou apenas 27 meses, mas foi descrita como violenta e destrutiva, com diversos saques e incêndios.

Após a retomada, a colônia continuou pobre e desassistida por mais de um século e meio, servindo apenas como entreposto comercial do sistema colonial português. Até que no ano de 1775, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, primeiro ministro do rei D. José I de Portugal, determina a criação da Cia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão.

A companhia garantiu vários investimentos e incentivos para fornecimento de matéria-prima para indústria manufatureira da Metrópole, com o plantio e exportação de algodão e arroz, permitindo também a ligação com as grandes correntes do mercado mundial. Assim, após duas décadas de avanço comercial, São Luís enfim teve a formação de seu centro urbano.

Casas de taipa e palha foram trocadas por edificações de alvenaria seguindo os novos modos de construção importados de Portugal após o terremoto em 1775 e adaptados às condições climáticas da América do Sul. Aconteceu também a implantação do Cais da Sagração, a reurbanização das principais praças, a criação das companhias de água, luz e limpeza urbana e a inserção do bonde ou “*tramwais*” como um sistema de transporte coletivo, o único no norte e nordeste, fazendo com que São Luís se tornasse umas das principais cidades do Império Brasileiro. (Cafeteira, 1994)

“Devo dizer que depois das três grandes cidades comerciais, Rio, Bahia e Pernambuco, a cidade do Maranhão merece indubitavelmente a classificação seguinte, e tem realmente esplendida aparência. [...] seu traçado em linha reta, embora com subida e descida, e sua limpeza logo impressionam de modo sumamente agradável. Creio poder dizer que nenhuma cidade do Brasil conta proporcionalmente ao seu tamanho, tantas casas bonitas, grandes e até apalaçadas como o Maranhão”. Robert Avé-Lallemant, 1859 *apud* Cafeteira, 1994.

**Figura 2:** Praça Benedito Leite, 1908. Foto: Gaudêncio Cunha.



Fonte: Andrés, 2006.

Com a abolição da escravidão e a proclamação da república no fim do séc. XIX, a produção de cana-de-açúcar fica comprometida e acaba gerando um período de estagnação econômica para o estado, que mesmo com um breve impulso na indústria têxtil nas décadas de 1930 e 1940 não conseguiu competir com os parques industriais no sul do país.

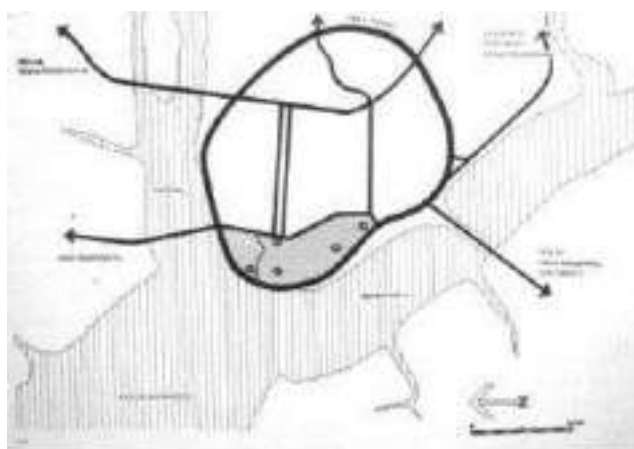
Nessa mesma época, a cidade que até então era o que se conhece hoje como Centro Histórico, sem ter dinheiro para modernizações como acontecia em outras cidades litorâneas, desloca-se da área central para ocupar novos bairros, como o Monte Castelo e futuramente para o bairro do São Francisco, por conta da construção da ponte Governador José Sarney em 1969, iniciando assim um dos primeiros deslocamentos urbanos.

**Figura 3:** Mapas do relevo e evolução urbana de São Luís.



Fonte: Andrés, 2006.

**Figura 4:** Mapa esquemático das saídas do Centro Histórico para várias áreas de expansão urbana.



Fonte: Andrés, 2006.

A área então correspondente ao núcleo original, à zona portuária e adjacências, antes ocupado por uma elite de ricos comerciantes, famílias tradicionais e intelectuais, é ocupada pela população de baixa renda, que transformaram os grandes edifícios, espelhos da arquitetura lusitana, em habitações coletivas, conhecidas como cortiços e o acervo edificado passa a ser usado também para fins comerciais como escritórios, repartições públicas, bancos, etc.

Foi nesse momento também, em meados da década de 40, que o interventor Paulo Ramos confinou a prostituição na Zona do Baixo Meretrício (ZBM), localizada nas ruas da Palma e do Giz (antiga rua 28 de julho).

Em um bom período de tempo, a Zona do Baixo Meretrício – ZBM, foi o polo centralizador de intelectuais, artistas, mulheres, malandros, cabarés, prostíbulos, empresários, homossexuais, enfim, de todos os segmentos da sociedade são-luisense, nas décadas de 40, 50, 60, 70 e início dos anos 80, formando o mito da ZBM, a vida noturna e boêmia da Cidade dos Azulejos. (Reis, 2002, p.53)



A ZBM pode ser dividida em duas fases, a primeira, considerada “época de ouro” da boemia, logo no início de sua formação, com a presença de casas noturnas famosas, apresentações de *jazz* e grandes festas frequentadas por todos os nichos da sociedade ludovicense. A segunda inicia-se nos anos 70, ao mesmo tempo enquanto ocorria significativas transformações socioespaciais na cidade impulsionadas pelo Plano Diretor do Município de São Luís e também o início de políticas de preservação da área histórica. Todas essas mudanças acabaram culminando no seu fim nos anos 90.

Apesar de grande parte do Centro ter continuado sendo conservada por conta da função comercial e habitacional - no que se refere a área do Largo do Carmo, a Praça Deodoro e, o cemitério do Gavião até a Praça Gonçalves Dias – a região da Praia Grande que sofreu com a saída da elite, do porto e com as subutilizações das edificações, apresentava um quadro preocupante de abandono e destruição.

Por essa razão, o antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) delimita essa área para iniciar o processo de tombamento a nível federal, com o intuito de proteger a parte “mais antiga e valiosa do ponto de vista urbano e arquitetônico” (Andrés, 2006).

Posteriormente, a partir dos diagnósticos realizados por Viana Lima em 1973, e John Gisiger em 1979, cria-se o Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís (PPRCHSL). Passados alguns anos, em 1986, o governo estadual estabelece a área de tombamento estadual e em 1997 o Centro Histórico é reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

**Figura 5:** Reunião do grupo de trabalho sobre infraestrutura durante a 1ª convenção da Praia Grande.



Fonte: Andrés, 2006.

Ao longo desse período, impulsionado pelo crescente interesse na valorização do patrimônio histórico, foram criados diversos programas de conservação, todos com a presença de ações voltadas para tentar solucionar as questões habitacionais do bairro. No entanto, a maioria dessas ações nunca foram efetivamente realizadas ou recebeu a devida importância, mesmo diante de toda a infraestrutura disponível no conjunto e importância da habitação para preservação do acervo histórico como pontua Andrés (2006):

“A questão habitacional constitui-se um dos mais graves problemas sociais do país. Na cidade de São Luís o déficit atual alcança cerca de 25 mil domicílios para pessoas que se encontram nas áreas periféricas em condições muito precárias. Todavia existe no centro histórico uma rara oportunidade de conjugar as soluções necessárias para preservar o rico acervo de arquitetura urbana e ao mesmo tempo minorar o agudo problema habitacional para um razoável contingente de trabalhadores que necessitam morar perto do seu local de trabalho.”

O PPRCHSL, primeiro programa criado, foi implementado em 1980 com fim em 2006. Foi dividido em seis etapas, correspondentes a cada período governamental do estado, e em 11 subprogramas, sendo um deles o de “Promoção Social e

Habitação no Centro Histórico de São Luís” que tinha como filosofia de atuação “proporcionar a manutenção do uso residencial nas áreas do Centro Histórico”.

A primeira ação do Subprograma de Promoção Social e Habitação (SPSH), aconteceu apenas na quarta etapa do programa (1991-1995) por meio da realização do Projeto Piloto de Habitação no Centro Histórico. Nesse primeiro ato, um edifício localizado na Rua João Vital de Matos, nº 36, foi restaurado para abrigar moradias destinadas a 10 famílias. Após isso, retornou apenas nos anos 2000 e 2001 com a implementação de mais seis projetos, dessa vez destinados a artistas plásticos (morada das artes) e à funcionários públicos que foram contemplados a partir de sorteios.

Em 2003, o governo municipal decide começar a estudar a viabilidade da criação de um programa próprio no Centro Histórico, culminando na criação do Programa de Revitalização do Centro Histórico de São Luís, em 2006 pela Fundação Municipal de Cultura (FUNC) logo depois transformada em FUMPH - Fundação Municipal de Patrimônio Histórico.

O projeto tinha como foco principal a questão habitacional, diferentemente do PPRCHSL, buscando uma melhoria socioambiental da área e da qualidade de vida de seus moradores e contava com o apoio financeiro do Ministério das Cidades, da Caixa Econômica Federal, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Natural (IPHAN) e do governo da França. (São Luís, 2006)

Inicialmente, foram selecionados 20 imóveis para reabilitação, 15 para uso misto de habitação/comércio e os outros 5 para fins institucionais, porém devido a problemas de titularidade dos imóveis, uma questão comum no Centro Histórico, e falta de recursos financeiros, restaram 5 prédios para reabilitação e apenas 1 foi concluído. Essa dificuldade de execução dos projetos, se deu depois da realocação das verbas destinadas ao programa depois da criação do PAC Cidades Históricas, a verba do governo federal que seria destinada aos projetos habitacionais foi realocada então para reformas de cunho cultural.

O PAC Cidades Históricas foi uma linha de investimento criado em 2013 dentro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) voltada para requalificação de monumentos e sítios históricos protegidos pelo IPHAN. Para o CH de São Luís, destinou-se cerca de 133 milhões de reais para a realização de 44 obras, sendo

apenas duas com foco habitacional de interesse social, que nunca chegaram a ser concluídas, assim como a maioria das obras.

Apesar de a teoria da conservação integrada (CI), em tese, nortear todos esses programas de reabilitação, a participação da população nas decisões foi limitada, e muitos residentes desconheciam as obras em andamento. Em resposta a essa lacuna, a comunidade do Centro Histórico estabeleceu a União de Moradores do Centro Histórico de São Luís. E, em 2003, houve a criação do Núcleo Gestor do Centro Histórico de São Luís, um órgão vinculado à FUMPH.

Após um longo período sem muitas ações no quesito de preservação patrimonial, em 2017, o governo municipal retoma os trabalhos do Programa de Revitalização do Centro Histórico do Município de São Luís com uma parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Dessa vez, o projeto foi dividido em 6 etapas: Levantamento e atualização de dados, diagnóstico, criação de plataforma digital, elaboração das estratégias e instrumentos de adensamento e elaboração de um segundo programa de reabilitação do Centro Histórico com foco no segmento habitacional e conseguiu obter êxito ao finalizar vários projetos e retomar discussões sobre a preservação com vários setores através de eventos de cunho educacional, cursos de formação, etc.

O Governo do Estado, anos após o fim do PPRCHSL, também retoma suas atividades e em 2019 lança o Programa Nosso Centro, dirigido pela Secretaria das Cidades e Desenvolvimento Urbano (SECID). O programa, em vigência até hoje é dividido em “polos vocacionais”, sendo eles: o Polo Habitacional, Polo Tecnológico, Polo Cultural, Turístico e de Lazer, Polo Comercial e Gastronômico e o Polo Institucional e tem como área de atuação todos os bairros dentro do anel viário.

Dentro do polo habitacional surgiram diversos programas, sendo algum deles o “Cheque Minha Casa”, que tem como objetivo auxiliar financeiramente reformas para melhorias em casas de famílias de baixa renda com um valor de R\$5.000 reais; e o “Habitar no Centro” que requalificou prédios abandonados ou com uso irregular para habitação social, como o nº 270, localizado na Rua das Hortas, e o edifício Governador Archer, localizado na Avenida Magalhães de Almeida, nº 167, que agora conta com 14 apartamentos para famílias que já ocupavam antes da reforma.

Apesar das inegáveis melhorias que os programas de revitalização fizeram no Centro Histórico, a grande parte das transformações foram direcionadas

predominantemente ao turismo e comércio, e focadas apenas no bairro da Praia Grande, negligenciando a questão habitacional, a complexidade do Centro como um todo e também a participação dos moradores, os principais afetados nessas intervenções. Braga e Santos (2009) ao debaterem projetos de intervenção em áreas históricas já notaram a problemática que a priorização do turismo em detrimento da função social acarreta:

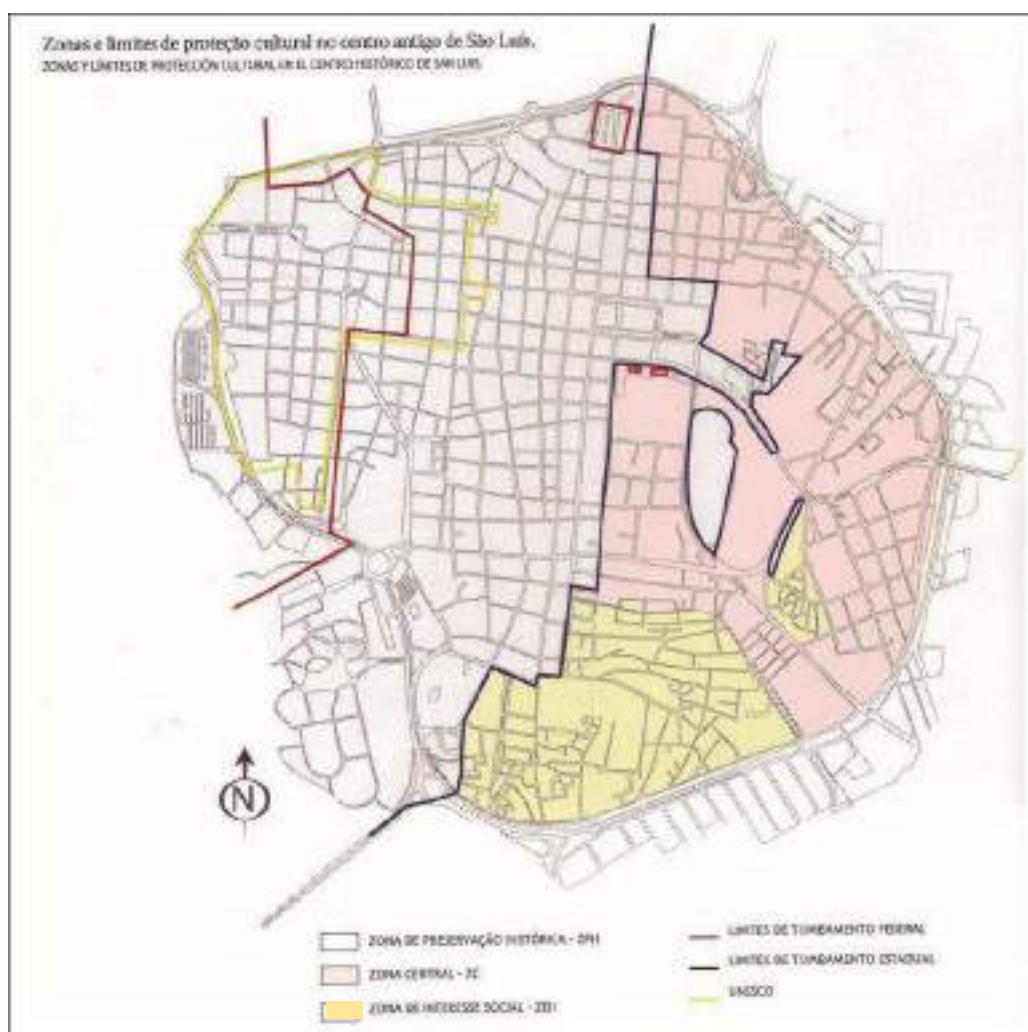
“observa-se, no entanto, que projetos focados no turismo, em muitos casos, devido à forma como foram executados, acabaram por surtir efeito contrário ao da preservação e valorização da cultura local sendo o mais evidente a perda das características culturais particulares que se alegava querer preservar”.

Esse enfoque desequilibrado contribui para a continuidade da percepção do Centro como um bairro deserto, já que as poucas ações quase nunca foram concluídas. O Centro, que já era estigmatizado como inadequado devido à presença da Zona dentro de seus limites, agora, com as mudanças do contexto urbano, e o passar dos anos sem investimentos na habitação, acentua ainda mais essa divisão e a sensação de um Centro Histórico abandonado por moradores e potencialmente perigoso.

### 3 PERFIL DEMOGRÁFICO

O Centro de São Luís em sua totalidade é formado pelos bairros do Desterro, Centro, Praia Grande, Camboa, Diamante Fabril, Apicum, Vila Passos, Coréia, Lira, Madre Deus e Goiabal (INCID, 2010), sendo circundados pelo anel viário. No entanto, a área histórica compreende apenas os bairros do Centro, Desterro e Praia Grande. Nessa região específica, além das divisões territoriais dos bairros, são estabelecidos níveis específicos de proteção cultural. A área encontra-se tombada nos níveis Federal (Decreto-Lei nº 25, de 30/11/1937), Estadual (Decreto Estadual nº 10.089, de 06/03/1986) e é declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) (Lopes, 2008).

**Figura 6:** Zonas e limites de proteção cultural no Centro antigo de São Luís.



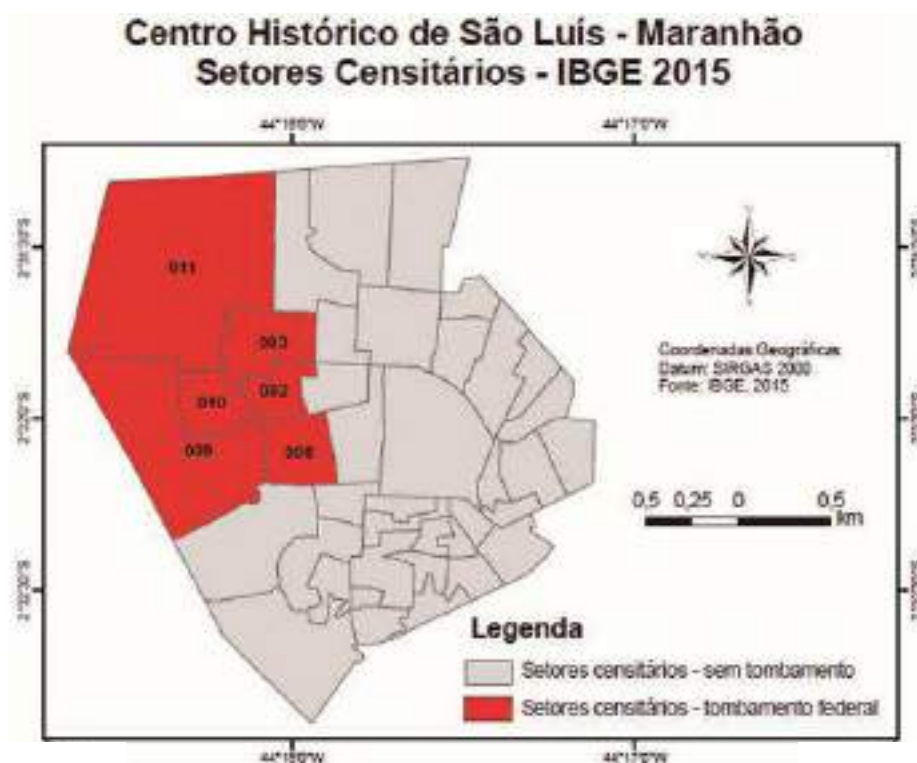
Fonte: Lopes, 2008.

Para analisar informações sobre o perfil demográfico do Centro, foram utilizados os dados dos censos demográficos de 1991, 2000 e 2010, uma vez que os resultados do censo de 2022 não foram divulgados em sua totalidade e ainda não contemplam informações estatísticas de população ou domicílio.

Devido a uma inexistência de delimitação legal de bairros em São Luís, precisa-se usar dados da malha de setores censitários, a menor unidade geográfica utilizada pelo IBGE, que permite determinar a partir das estatísticas fenômenos e aspectos socioeconômicos da população e “objetiva atender às demandas de diferentes usuários, na busca de compreensão do ordenamento territorial no Brasil entre as operações censitárias” (IBGE, 2021).

Determinou-se então a partir da comparação entre a malha censitária divulgada pelo IBGE e o mapa de delimitação de proteção patrimonial os seguintes setores: 211130005000002, 211130005000003, 211130005000008, 211130005000009, 211130005000010 e 211130005000011 que fazem parte da área de tombamento federal. Esses setores, embora não cubram integralmente a extensão da área do Centro Histórico examinada nesta pesquisa (conforme ilustrado na Figura 6), fornecem um contexto valioso para compreender a situação habitacional no Centro Histórico.

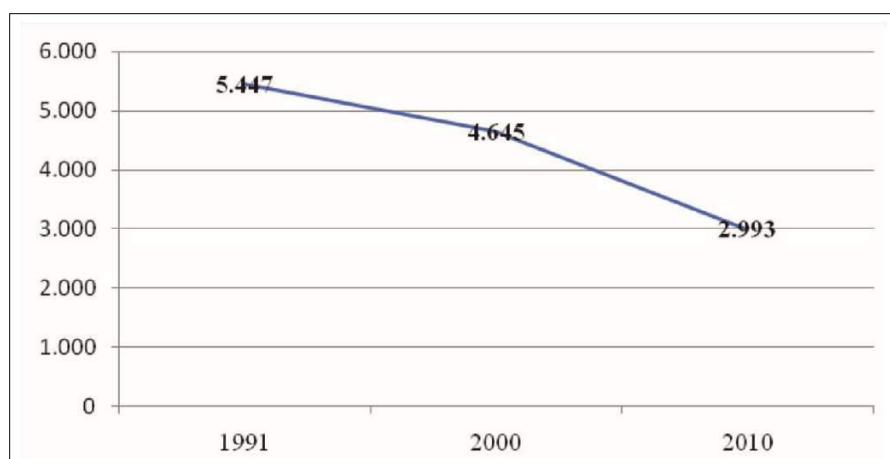
**Figura 7:** Mapa de localização dos setores censitários.



Fonte: IBGE, 2015.

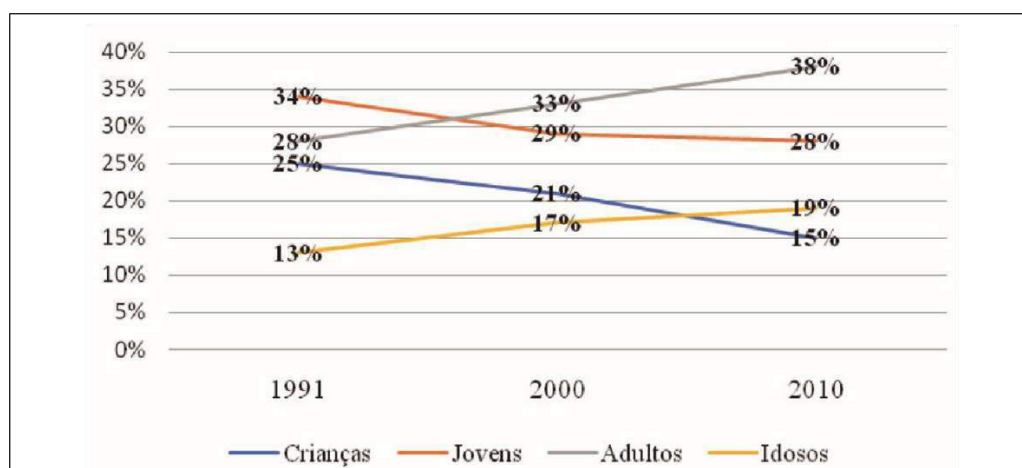
Segundo dados do censo demográfico de 1991 a área analisada abrigava uma população residente de 5.447 (cinco mil, quatrocentos e quarenta e sete). Em 2000, esse número decaiu para 4.645 (quatro mil, seiscentos e quarenta e cinco) residentes, representando uma redução de 14,73% no número de habitantes. Em 2010, o número passou para 2.993 (dois mil, novecentos e noventa e três), totalizando uma queda de 45,06% em relação a 1991.



**Gráfico 1:** Variação do número de residentes.

Fonte: Silva, Odval, 2015

Outro elemento a ser explorado é a classificação por faixa etária desses moradores. Para demonstração, os indivíduos foram divididos em quatro categorias: Criança e Adolescente, considerando o indivíduo com até quatorze anos completos; Jovem de 15 até 29 anos; Adultos de 30 a 59 anos e na categoria Idosos todas as pessoas com 60 anos ou mais.

**Gráfico 2:** Variação dos grupos etários.

Fonte: Silva, Odval, 2015.

O gráfico proporciona uma visualização do processo de envelhecimento da população, evidenciado pelo aumento de adultos e idosos residentes. No entanto, é crucial notar que esse envelhecimento não é unicamente atribuível à população idosa, como frequentemente difundido. Este grupo, de fato, registrou um incremento, mas apenas de 5%. Uma parcela considerável desse fenômeno pode ser associada à

saída dos jovens do bairro (queda de 6%), uma vez que estes são mais propensos a iniciar famílias, acarretando também numa queda de 10% no número de crianças residentes.

É essencial destacar, para uma análise correta da questão habitacional no bairro, que durante um longo período, a cidade de São Luís limitava-se apenas ao seu núcleo fundacional, o Centro Histórico, que ocupava uma área de 220 hectares, com mais de 3.500 edificações (Cafeteira, 1994).

Em mais de três séculos, a ocupação urbana ficou restrita basicamente ao núcleo fundacional até meados século XIX, confinada em pequena área geográfica delimitada pelos rios Anil e Bacanga, tendo começado sua expansão além dos limites do núcleo urbano antigo em direção ao interior da ilha através do denominado “Caminho Grande” (LOPES, 2008, p. 14).

Assim de maneira natural, devido a uma nova configuração de ocupação do solo urbano da cidade e a alguns fatores analisados no capítulo dois deste trabalho, a população passou a migrar para outras regiões além do Centro Histórico.

No entanto, nem toda a população deixou o bairro, muitas casas permanecem ocupadas pelas mesmas famílias, e várias pessoas optaram por estabelecer suas residências no Centro após as melhorias ocasionadas pelos programas de revitalização, embora não tenham tido o foco habitacional como prioridade.

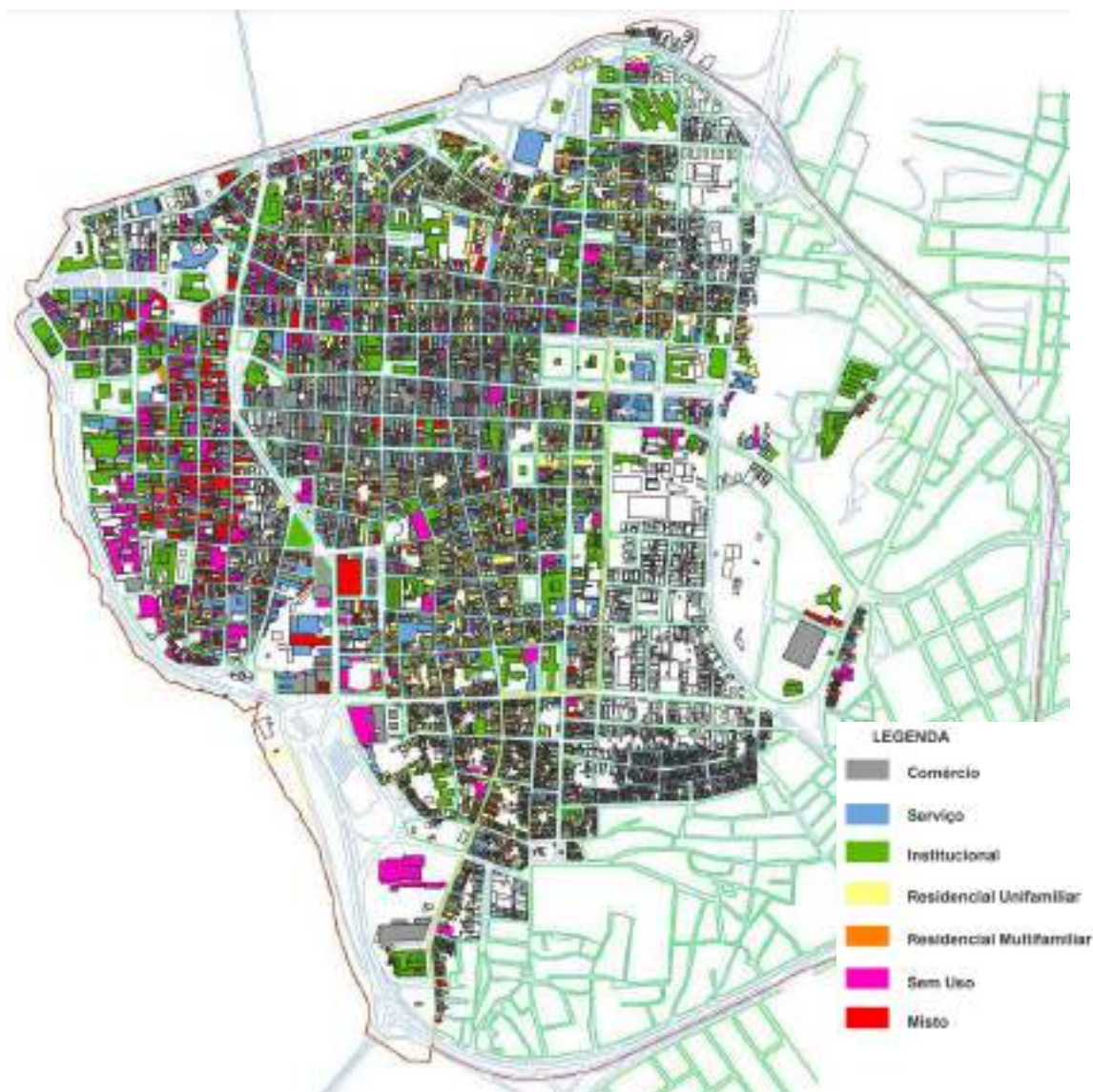
Observando por outro ângulo, é possível analisar a questão habitacional também a partir de mapas de uso e ocupação do solo da área do Centro Histórico fornecidos pela Secretária de Cultura do Maranhão (SECMA) e por pesquisadores da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) elaborados para pesquisas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

O mapa seguinte faz parte de um levantamento realizado em 2008 pelo Instituto da Cidade, Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural (INCID), nele é possível notar a predominância do uso Residencial nos 250 hectares do CH, seja ela unifamiliar ou multifamiliar.

Verifica-se também a divisão territorial dentro do próprio bairro, com a existência de áreas bem delimitadas por seus usos. O polo comercial localizado nas proximidades da Rua Grande; o Institucional e de Serviço centrados na área da Praia Grande e os Polos Habitacionais confinados nas áreas adjacentes as praças Deodoro,

Gonçalves Dias, ao largo de Santo Antônio; as Ruas São Pantaleão, Rua do Norte e Rua da Inveja e ao bairro do Desterro.

**Figura 8:** Mapa de Uso do Solo.



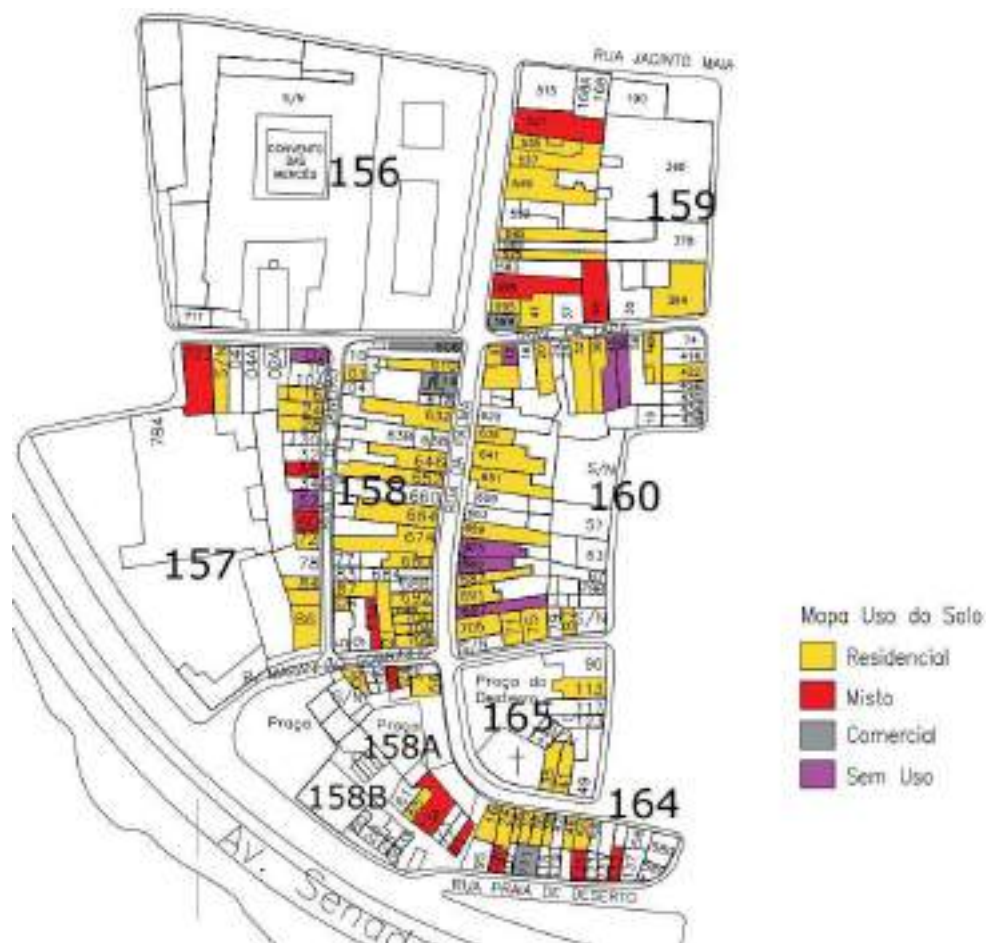
Fonte: INCID (2008).

Além disso, é notável a concentração de lotes sem uso na área da Praia Grande. Por se tratar de um espaço voltado para o setor turístico, costuma ser mais visitado e considerado como totalidade quando se refere ao Centro Histórico, consequentemente a visão de tantos lotes desocupados corrobora para a narrativa de abandono.

Destacando agora apenas o bairro do Desterro, uma ilha habitacional dentro do polo turístico, consegue-se verificar a manutenção de edificações de uso

habitacional. No território em questão foram comparados o uso de 73 imóveis. No mapa da SECMA (Figura 8) a grande maioria das edificações eram de uso residencial (amarelo e laranja), cerca de 68,5% seguidos por sem uso (rosa) com 13,7%, uso misto (vermelho), com a com 11%, uso comercial (cinza) com 4,1% e de serviço (azul) com 2,7%.

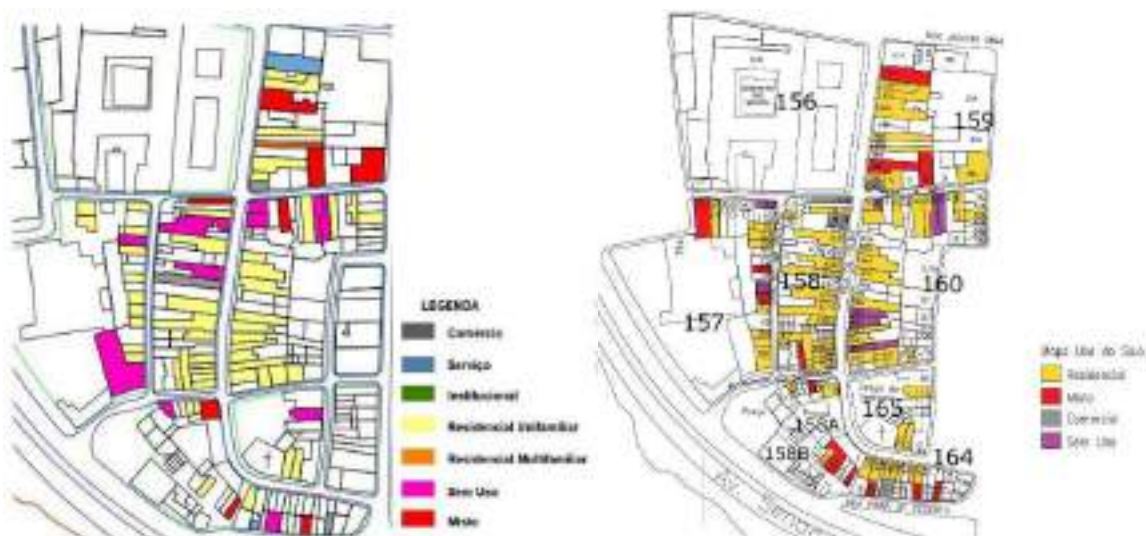
**Figura 9:** Mapa de Uso do Solo da Área do Desterro



Fonte: Pereira, 2023.

No mapa atual (Figura 9), se observa um aumento do uso residencial, com 69,9%. O seguinte passa a ser o uso misto, com 15,1%. Houve uma queda relacionada ao mapa de 2009 dos lotes sem uso que agora totalizam 9,6%. E por fim o comercial aumentou para 5,5% em relação ao mapa antigo.

**Figura 10:** Comparação Mapas de Uso do Solo.



Fonte: INCID (2008) com intervenções de Pereira, 2023.

Portanto, a partir dos censos e dos usos, nota-se que de fato, houve uma diminuição na população do Centro Histórico de São Luís. Essa tendência de declínio demográfico varia, sendo mais acentuada em algumas partes do que em outras. No entanto, essa redução populacional ainda não atinge o bairro em sua totalidade e em um nível que permita classificar o Centro Histórico como um bairro desabitado.

## 4 HABITAR

A temática de habitação dentro do contexto de conservação é algo discutido desde a década de 70 em Cartas Patrimoniais, uma vez que o uso habitacional é fundamental no processo de preservação de sítios históricos. A resolução de São Domingos de 1974, em sua primeira recomendação no plano social, determina:

“A salvação dos centros históricos é um compromisso social além de cultural, e deve fazer parte da política de habitação, para que nela se levem em conta os recursos potenciais que tais centros podem oferecer. Todos os programas de intervenção e resgate dos centros históricos devem, portanto, trazer soluções de saneamento integral que permitam a permanência e melhoramento da estrutura social existente”

Após essa resolução, muitas cartas patrimoniais abordaram a necessidade de reabilitação de centros históricos sem modificações na composição social dos habitantes, como a de Amsterdã em 1975 e a de Petrópolis em 1987, que afirma que o uso habitacional além de garantir a heterogeneidade do bairro, consegue minimizar a questão do déficit habitacional.

Habitar então, em centros históricos, não só são significativos para conservação do sítio, mas também na conservação de memórias, valores e culturas. Claval (2010) afirma que habitar transcende a simples ideia de possuir um espaço para se abrigar da sociedade e viver individualmente ou em família. Envolve, igualmente, um espaço de encontro com outras pessoas, proporcionando interações sociais tanto entre os habitantes quanto com o ambiente ao redor deixando de alguma forma sua marca naquele local.

É comum associar o conceito de habitar somente à moradia, considerando que é uma necessidade antropológica essencial. No entanto, este trabalho propõe uma visão mais ampla, conectando o habitar não apenas no sentido de apropriar-se do espaço físico, mas também implica numa experiência sensorial e emocional, intrinsecamente ligado a memória, identidade e ao tempo, sendo o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. Por um lado, a pessoa usa o espaço e pelo outro, o espaço se acomoda na memória do habitante, criando laços, vivências, hábitos e histórias (Pallasmaa, 2017).

A tarefa da arquitetura consiste não somente em disponibilizar abrigo físico ou acolher nossos corpos frágeis, mas também em alojar nossas memórias, fantasias, sonhos e desejos. Edifícios e estruturas de épocas distintas enriquecem a experiência dos lugares, mas também reforçam nosso sentido de pertencimento, de raízes e de cidadania. (Pallasmaa, 2017, p.119)

Além dos aspectos mencionados, o habitar no Centro Histórico também consiste em uma série de valores que variam de acordo com as preferências e a importância que cada pessoa atribui a esses espaços. Pode-se valorizar um bem não apenas por seu significado histórico ou estético, mas também pela sua importância social, cultural e econômica (Lacerda, 2012).

Sendo assim, para realizar essa análise, foram coletadas entrevistas que desempenharam um papel fundamental tanto na documentação das memórias dos habitantes, ao oferecer uma perspectiva abrangente sobre a vida no Centro Histórico de São Luís, quanto na análise do conceito de habitar em seus diferentes significados. Foram um total de 9 entrevistas englobando moradores atuais e antigos, incluindo professores, militantes das causas habitacionais, entre outros. As entrevistas iniciaram com pessoas conhecidas pela autora e posteriormente, a partir da metodologia bola de neve, foi possível alcançar mais pessoas dentro do grupo-alvo. As entrevistas foram realizadas principalmente no próprio bairro, proporcionando um contexto autêntico para a coleta de dados e enriquecendo a compreensão das dinâmicas habitacionais e das transformações urbanas na região.

No decorrer das entrevistas para esse trabalho, foi possível observar vários sentimentos, conceitos e valores que abrangem o ato de habitar. Primeiramente, o que mais se nota é o valor social, ao manifestar um profundo senso de pertencimento e cuidado ao Centro, não só em relação as construções e ao bairro em si, mas também pelas pessoas e atividades desenvolvidas ali. Denis Cutrim afirma que mesmo passando tantos anos fora, sua identidade sempre foi em São Luís, dentro do Centro, com as pessoas sendo a principal razão do bairro ter continuado como está:

Nós somos patrimônio humano do Centro Histórico e eu me considero que sim [...] quem faz o patrimônio imaterial são as pessoas, são elas que trabalham a cultura, no seu dia a dia, no seu modo de viver, nos seus diálogos, nas trajetórias de vida, eu acho isso muito importante pra conceituar quem mora aqui. Quem dá vida a pedra, quem faz isso aqui pulsar são as pessoas que moram.

Ao enfatizar a importância do patrimônio humano para a conservação do CH, cria-se uma espécie de valor simbólico para este lugar na figura dos moradores. Como todo valor, o simbólico é individual, para alguns, a simbologia pode não possuir importância alguma, mas para outros, pode significar tudo.

“O símbolo é a encarnação de uma ideia, o que a língua não pode dizer e que a representação não pode senão figurar. O símbolo é encarregado não apenas de unir, mas de permitir, além da língua, um sentido de existir. Ele não é somente um conteúdo, ele é uma figura encarregada de funcionar a lógica do sentido.” (Ostrowestky 1984 *apud* Lacerda, 2012)

Para certos entrevistados, o Centro Histórico não é apenas um lugar onde vivem, mas um espaço que guarda suas memórias pessoais e coletivas carregadas de um valor cultural e cognitivo. Francisco afirma isso ao falar da importância de documentar a sua história, “me mantém vivo e a história de meus amigos também” assim como Joãozinho ao falar das memórias de sua família:

“Eu vivi essas memórias todas com as tradições, as ancestralidades da minha família durante um bom tempo da década de 60/70, foi nesse período que eu fiquei umbilicalmente ligado aquela região, não só por conta das pessoas, das histórias dessas pessoas, e as minhas que se confundem também com elas, mas também pelas várias tradições que minha família cultivava e as relações de parentesco e também de vizinhanças. O Centro para mim faz parte da minha existência” (Joãozinho Ribeiro).

Para Lacerda (2012) o ato de considerar o próprio habitat como um bem cultural, cheio de hábitos, tradições e representações ajuda-o a ser conservado.

Muitos comentaram do aspecto de heterogeneidade do Centro, como determina a carta de Petrópolis. O Centro, ao possuir todos os tipos de uso, permite que tudo seja resolvido sem precisar sair do bairro. Era o que mais fascinava Margareth: “a gente tinha tudo de acesso imediato, por exemplo, ninguém ia para o mercado, já tinha Lusitana e tudo mais, mas tinha aqueles verdureiros que vendia na porta então minha mãe comprava tudo na porta como peixe, leite, camarão, verdura.”

O habitar também se insere na esfera do tempo ao revelar um sentido de continuidade e de valor histórico “significa reconhecer a sua existência enquanto criação singular de uma dada sociedade, em uma determinada época, sem perder a perspectiva das gerações futuras” (Lacerda, 2012)

Ao perceber a relação entre o passado, presente e futuro, os habitantes se sentem mais conectados a algo duradouro, contribuindo para um senso mais profundo



de pertencimento e estabilidade, “o acontecer solidário só existe quando as pessoas invadem, no bom sentido, a existência das outras e comungam, compartilham histórias, de quem vem antes, do que se está preparando para depois.” (Joãozinho Ribeiro).

As estruturas da cidade capturam e preservam o tempo do mesmo modo que as obras artísticas e literárias. Os edifícios e as praças nos permitem retornar ao passado e experimentar o lento ritmo curativo da história. O mais magnífico dos monumentos arquitetônicos é aquele que suspende e detém o tempo para a eternidade [...] Eles [lugares antigos] importam principalmente porque estruturam e modificam nossas experiências do mundo e, por conseguinte, de nós mesmos. Além de enriquecerem nosso mundo sensorial e empírico, eles nos enraízam no curso do tempo e nos oferecem uma sensação de proteção e segurança. (Pallasmaa, 2017, p.53 e 122).

Com entrevistas foi possível perceber também cotidianos antigos e eventos que marcaram o bairro e também a cidade a partir das perspectivas de várias pessoas, principalmente sobre a época que o porto ainda era no Cais da Sagração e sobre a Zona do Baixo Meretrício.

O habitar inserido como lugar de memória “nos relembra todo o aconchego, a proteção e o amor de nossa infância”. Jessica tem esse sentimento ao ter “o pertencimento de se sentir parte desse espaço, de se sentir segura de andar pelas ruas, de estabelecer relações, [...] isso foi me cativando. Ter essa vivência do corpo com o espaço, de ser um lugar muito acessível”.

A tarefa da arquitetura consiste não somente em disponibilizar abrigo físico ou acolher nossos corpos frágeis, mas também em alojar nossas memórias, fantasias, sonhos e desejos. Edifícios e estruturas de épocas distintas enriquecem a experiência dos lugares, mas também reforçam nosso sentido de pertencimento, de raízes e de cidadania. (Pallasmaa, 2017, p.119)

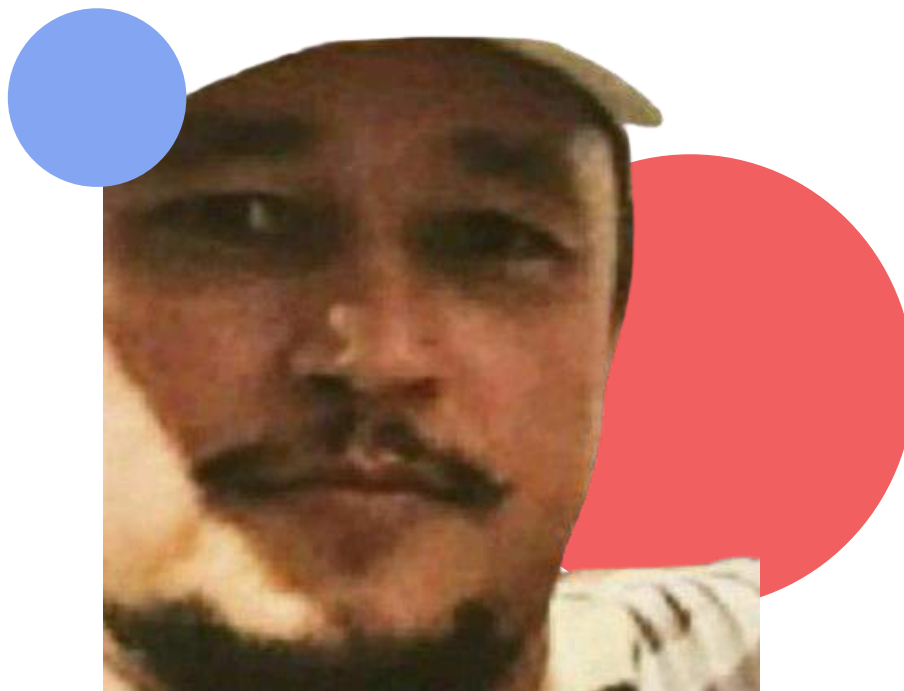
Foi possível sentir também a tristeza ao comentarem sobre o descaso e o abandono de prédios em algumas áreas para as pessoas que cuidam e zelam por aquele espaço. Pallasmaa (2017) fala sobre ao dizer que “há uma estranha melancolia em uma casa abandonada ou em um edifício residencial demolido, uma melancolia que revela traços e cicatrizes de vidas íntimas ao olhar público”:

“O Centro teve vários ciclos, aonde tem o porto, onde as lanchas atracavam e abasteciam a cidade, tem comércio, onde tem comércio tem vida, tem gente, então quando o porto sai, ele deixa uma porção de órfãos. Quando se constrói o anel viário, a primeira coisa que deixa de existir é o porto, não que

ele não seja necessário, não sei como a cidade estaria hoje em função de fluxo de trânsito sem ele, mas ele desconstrói aquela cultura e tudo que ela significava, aqueles bois que o pessoal matava na baixada e traziam pra vender aqui, as farinhas, os gêneros alimentícios, se você corta isso, ficam órfãos desse lado, o pessoal que mora aqui e também quem plantava e criava pra vender aqui, então esse é o primeiro fluxo que é cortado. Leva a decadência de pessoas que viviam direta ou indiretamente desse ciclo, inclusive a ZBM, que não só era frequentada pelos figurões da cidade, mas no dia a dia, essas pessoas que desembarcavam. Em outro momento também, as próprias instituições públicas que criavam em torno dela uma série de vivências e convivências começaram a ir embora, o Tribunal de Justiça com todo o seu aparato foi embora pro Calhau, o Palácio do Governo também, a Assembleia Legislativa, então quando você fecha um prédio desse, toda vida que girava em torno dele também vai embora.” (Joãozinho Ribeiro)

## 5 MEMÓRIAS

### DENIS



Denis Cutrim de Lima, 59 anos, nascido na rua da estrela, número 712. Há 55 anos, sua família construiu uma casa no mesmo quarteirão do convento das Mercês, com terraço na frente, uma característica marcante para as casas da região e hoje é a sua herança.

“Já viajei, já passei uns 10 anos fora, morei em São Paulo, morei no interior Maranhão, morei no Piauí, em Parnaíba, trabalhei em vários locais, no Paraná, em Palmas/TO, no Piauí, vários locais, mas eu sempre me encontrei aqui, **minha identidade sempre foi em São Luís do Maranhão.**”

É da época que a maré batia bem perto de sua casa, hoje, no entanto, esse cenário está modificado com o prédio da UEMA entre tantos outros e sem as fábricas que existiam de fornecimento de arroz, coco babaçu e oleaginosas, a Oleaginosas Maranhenses S.A (OLEAMA) e a Chagas e Penha, onde hoje funciona a Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA).

“Eu moro aqui desde essa época, meu pai trabalhava na feira da Praia Grande, tinha um box lá, e eu sempre tive essa sensação de pertencimento ao Centro Histórico, sempre achei isso aqui maravilhoso, pra morar. Eu vejo muita possibilidade

dentro do Centro Histórico e reconheço que o CH, ele apesar desse aspecto bucólico que as pessoas teimam em achar que é abandonado, tem vida, ele pulsa, porque tem histórias de vida, tem pessoas que construíram suas famílias aqui, suas trajetórias foram formadas nesse setor aqui do CH”.

Justamente o dono da fábrica Chagas e Penha, Alfredo Penha, foi quem vendeu o terreno para Denis construir sua casa no Centro Histórico. Muitos prédios do CH até hoje são de famílias tradicionais da cidade. Com o dinheiro que juntou durante seu período em São Paulo, conseguiu comprar o terreno de uma casa dos anos 40 que caiu, em cinco parcelas de 1000 reais, valor significativo para época.

“Esse setor aqui (CH), por conta de uma construção social que foi a formação da ZBM tomou toda uma fama. Os prédios foram abandonados e diversos comércios fechados por conta da queda da economia da cidade. Isso não significa que esses proprietários deixaram esses casarões, eles arrendaram. Então o interventor Paulo Ramos, resolveu transformar isso aqui num local de prostituição, a ZBM. Tinha a Zona da alta sociedade e a da classe pobre.

As meninas vinham do interior pra cá. Naquela época existia muito preconceito, se você perdia a virgindade quando era uma menina, sem casar, praticamente você era expulsa da família, você tinha que procurar um local pra morar porque aquilo era uma vergonha pra família, existia todo esse estigma. Era fruto de uma construção social, hoje em dia essas coisas são diluídas, a gente não tem mais essa percepção, mas naquela época tinha muito preconceito. Era uma realidade muito forte.

O começo de São Luís era através dos portos, depois já no final da década de 80, quando a Zona deixou de existir, ficou o estigma, essa percepção que aqui é um bairro perigoso. Por conta disso existe muito preconceito e muita resistência da classe privilegiada que é elite do poder aqui de São Luís investir nesse local, principalmente ali no Desterro.”

Para ele, o Centro Histórico é onde existe a melhor infraestrutura de São Luís. “Não tem lagoa, não tem Ponta D’areia, Calhau, que o pessoal considera área nobre, área nobre não sei porquê, porque lá não tem nenhum palácio que mora nenhum rei, nenhuma rainha, pode ser área de elite econômica, são pessoas de alto poder aquisitivo que moram num padrão arquitetônico que foi desenhado para essa parcela da sociedade que é muito pequena mas que domina de certa forma a

economia da cidade de São Luís e aqui ficou como se fosse uma área abandonada na percepção dessas pessoas, mas quem estuda o CH, quem realmente mora aqui, quem tem o conhecimento do CH sabe que não é nada disso”.

“O estigma da Zona é como se fosse relacionada a psiquiatria, consciente coletivo. O teu bisavô passa pro teu avô, teu avô passa pro teu pai, teu pai passa pra ti... E sempre vai ficar essa percepção que aqui é uma área marginalizada.

Muitos dos moradores são remanescentes dessas famílias da Zona, que vieram pra cá. Foi uma realidade de muitas crianças, muitos jovens. Muitos amigos meus nasceram aqui, eram filhos de prostitutas, hoje em dia tão aí, bem colocados na vida”

Denis é bastante engajado em pautas políticas e de militância pelos moradores do Centro. O conheci numa reunião do núcleo gestor, onde estava representando a União de Moradores do Centro Histórico. Uma de suas causas é a defesa da manutenção e criação de habitações no CH.

“Eu comecei a minha militância quando jovem. Fui vice-presidente e depois presidente da União da Juventude do Desterro (UNIJUV). A gente atuava em ações culturais e sociais, coisa de jovem.

Naquela época tinha um programa do Sarney chamado “Programa do Leite”. A união recebia tickets pra 100 famílias, cada família ficava com 30 tickets, equivalente ao mês, e aí a UNIJUV se encarregava de fazer o cadastro dessas famílias, fez carteirinhas pra mães e contratava comerciantes do bairro para acondicionar o leite todo dia e distribuir. Quando Collor assumiu, ele cortou esse programa social.

Depois eu viajei, passei 10 anos fora e quando eu voltei encontrei tudo largado. E então eu soube que tinha uma associação de moradores aqui e fui procurar quem era o presidente, que era Zeca. Fui conversar com ele, me tratou muito bem. A gente precisava de uma representatividade dentro da comunidade pra brigar pelas nossas demandas junto ao poder público e no setor privado. Para regularizar, fomos a uma juíza com todos os documentos e ela pediu por uma eleição para eleger um novo presidente da associação. Daí surgiu essa oportunidade de se construir uma nova diretoria. Nessa época eles tinham tanta desconfiança de mim que não me chamaram pra fazer parte da diretoria, que fui a pessoa que articulou quase tudo pra voltar, mas a política era tão forte que decidiram que eu era muito “polêmico”. Acabou

que essa nova formação não fez quase nada, ficou largada novamente. Depois surgiu essa necessidade de se fazer uma nova diretoria e me convidaram pra ser vice presidente. Depois teve o plano de revitalização do Desterro e muitas coisas que aconteceram aqui surgiram desses diálogos e das nossas lutas. De lá pra cá eu já fui vice-presidente duas vezes, já fui presidente em dois mandatos e fui secretário por duas vezes.

Se tu andar na praia grande, tu não vai ver abandono nenhum, tu vê que lá é um local todo tempo frequentado, só que lá não tem moradias. Só tem na 107 da Humberto de Campos, lá moram 18 famílias. Da pra ver que é um prédio totalmente fora do contexto do CH, quadradão. Foi um segundo programa de interesse social, capitaneado pela União de Moradores do Centro Histórico. Conseguimos levar para lá, 18 famílias que moravam aqui, pagavam aluguel de quartos em condições precárias, sem saneamento, banheiro coletivo, lavanderia coletiva, condições insalubres. Aí foram sorteados e ganharam apartamento lá. Esse processo levou anos pra ser concluído, depois já conquistamos vários outros espaços pra moradias de interesse social, onde pessoas daqui da comunidade tiveram oportunidade de ganhar apartamentos. Como o 445 da rua do giz, 167 da Av. Magalhães de Almeida, entre outros...

Essas pessoas tem um pertencimento com o Centro Histórico, elas gostam do CH. A gente costuma teorizar sobre o patrimônio humano, sem ainda não estar escrito. A primeira vez que escutei isso foi num Fórum de Desenvolvimento Sustentável, da boca de um cidadão chamado Joãozinho Ribeiro. Ele falou desse patrimônio humano que compõe o contexto do patrimônio histórico, o patrimônio material e imaterial.

O que seria o patrimônio humano? Pra mim seria uma categoria especial. Na antropologia seria uma agência: pra ter voz e vez, empoderamento da sua situação dentro do contexto social, se elenca uma série de fatores que te tornam diferenciado do contexto geral, que tem a ver com o espaço geográfico que você habita ou com a luta que você trava, você cria uma agência social. Nós **somos patrimônio humano do Centro Histórico e eu me considero que sim**, nesse contexto ele casa com o patrimônio material e imaterial, **quem faz o patrimônio imaterial são as pessoas, são elas que trabalham a cultura, no seu dia a dia, no seu modo de viver, nos seus diálogos, nas trajetórias de vida**, eu acho isso muito importante pra conceituar

quem mora aqui. **Quem dá vida a pedra, quem faz isso aqui pulsar são as pessoas que moram.**

Aqui tem muita Secretaria, as pessoas acham que é um bairro comercial: só vem para trabalhar, estudar, aí vão para casa e aqui fica tudo fechado. Mas não, aqui tem um contingente populacional considerável.

Existe uma política de Gentrificação aqui no Centro Histórico, que é muito debatida. Dizem que não, mas aqui existe sim uma certa gentrificação. O poder público e certas pessoas acham que o Centro Histórico tem que ser higienizado.

Aqui nessa Universidade, no curso de arquitetura, grande parte das pessoas que cursam, são de elite, não conhecem a realidade do CH. Eu tive essa experiência quando fui chamado, antes de entrar no curso de ciências sociais, pra participar de vários programas, congressos internacionais, por ser presidente da União de Moradores. A gente tem que quebrar esse muro que separa a Universidade do bairro, vocês tão dentro no nosso setor, tem que conhecer. E essa iniciativa, deu certo pra caramba, depois que começou essa interação com vocês, a gente conseguiu que os alunos fizessem trabalho de campo, não só pra mudar o aspecto arquitetônico da cidade, mas projetos arquitetônicos que trouxessem qualidade de vida pras pessoas que moram aqui.

O pessoal da universidade tá engajado, defendendo de certa forma as minorias, quebrando esse paradigma de aqui é uma região marginalizada, desconstruindo esse muro que existe entre a Universidade e a comunidade aqui. A própria Universidade reconhecendo que ela tem, por obrigação, como instituição pública dar esse feedback pros moradores, mostrar que os estudantes estão aprendendo e se profissionalizando, adquirindo conhecimento, pra usar isso em prol da comunidade, não só do CH, mas de um todo.

O CH não é um apêndice da cidade, mas é uma realidade muito complicada, a pessoa tem que saber esmiuçar as problemáticas pra encontrar as soluções, e se não der pra resolver tudo, ao menos estão trabalhando e as coisas vão acontecendo. Nunca vi tantas obras nos últimos anos como eu tenho visto agora no CH. Muita coisa sendo construída, reformada, as vezes passo numa rua e fico contando os prédios: “só falta esse aqui, esse aqui!” A gente queria mais habitação de interesse social? Queria. É muito caro? É. O governo tá chorando miséria? Tá.

Estamos esperando o PAC? Sim. Tudo isso pra ver se constrói outra perspectiva, esperando outros programas sociais que façam essa inclusão.

Eu já vi grandes arquitetos e grandes professores que vieram aqui fazer discurso e dar palestra dizerem que não acreditavam em moradia de interesse social no CH. Isso é um pensamento de elite que acha que alguém que é oriundo daqui já tem um vício de depredar a cidade, de não preservar o patrimônio, que ele não vai cuidar e que não tem condição de manter isso aqui. **Isso aqui tem tudo a ver com a formação da estrutura social desse bairro que muita gente não conhece e forma um preconceito por conta disso.**

“Ah porque o Centro Histórico é abandonado, tem uma estrutura péssima” eu ouço isso aqui dentro da Universidade, professores falam isso, qual é o bairro que você tem aqui em São Luís que o lixeiro passa duas vezes por dia? O varredor de rua está toda hora varrendo? Claro que tem umas ruas com péssima acessibilidade. Mas você tem mobilidade pra andar, tem liberdade de poder resolver tudo aqui, você tem os bancos todos aqui, todos os hospitais, farmácias, clínicas e tem a universidade aqui.

O meu pertencimento ao Centro Histórico, ele tem tudo a ver como a minha militância, a minha forma de viver aqui no CH, não que eu seja obstinado pra mudar isso aqui, não, essas mudanças elas acontecem, como eu vejo acontecendo ao longo de 20 anos que estou militando.

Antes de eu ir embora e passar um tempo longe, eu fui presidente de uma associação chamada, UNIJUV, União da Juventude do Desterro, antes da União de Moradores do CH. Nessa época a gente já tinha pensamentos progressistas a respeito do Centro Histórico e de como a gente poderia melhorar, mudar esse cenário para o pessoal que vive aqui, a gente quer um Centro Histórico bonito, turístico, seguro, bem iluminado. Mas na minha percepção, estamos aprendendo só agora como trabalhar essa questão de economia, da cultura e turismo, coisa que outras cidades como Fortaleza, Bahia e Salvador já têm há muito tempo e são cidades que não tem a mesma diversidade cultural que você tem aqui, porém, o fluxo turístico lá é bem melhor que o nosso, porque eles sabem investir no aspecto mais importante deles. A gente tem uma diversidade cultural que só está sendo explorada agora, e tem todo um contexto que é negativo em relação ao acolhimento dessas manifestações culturais aqui no Maranhão, desenvolvimento e sustentabilidade delas.



Aqui tem o maior acervo arquitetônico tombado da América Latina, não é conservado? Em parte, não podemos dizer que não há obra aqui no CH porque a gente vê muita coisa acontecendo, mas a gente passa pelo problema da legislação, que não se pode aplicar lei as vezes ou não se aplica por puro corporativismo. Tem lei federal e tem lei estadual que desapropria qualquer habitação ou prédio aqui do Centro que não esteja cumprindo esse papel social. Tadeu Palácio, em 96, criou uma lei municipal que desapropriava a partir de três anos de abandono de um prédio. Era intimado a falar a respeito do abandono do prédio e se você não pudesse manter o prédio ele seria usado para usufruto da cidade. Isso acontece muito aqui em São Luís, só que quem são os donos dos prédios? Eles têm o brasão de família e têm alta influência na administração pública, como juízes, promotores. Esses caras aí, têm tanto advogado na família que se tu colocares uma ação judicial, vai parar no supremo, mas não consegue tirar o prédio deles.

Então tem muitos prédios aí que se você entrar com uma ação, você vai passar por vários tramites jurídicos e vai ser muito difícil e mesmo que você consiga, quais as garantias que você vai ter os recursos para recuperar/reformar ele? A prefeitura só vive chorando miséria e o governo do Estado idem.

A gente não pode conceber um patrimônio que pulsa, sem a alma das pessoas. Não é o dono de um bar lá no Renascença que vem vender aqui que vai saber a realidade que a gente conhece, quem tem essa percepção somos nós então, a gente tem que ser respeitado, nosso discurso. Não dá pra resolver tudo de uma vez, mas a gente vai tentando assim, a passo de tartaruga.

O Núcleo Gestor é algo que eu acho que tem muita utilidade dentro do CH, porém, ele tem pouco reconhecimento dos gestores. A gente tem esse papel de apontar o que está errado ou o que tá certo, porém o pessoal da iniciativa privada do CH tá sempre colocando que a nossa participação no Núcleo Gestor é nociva pra eles. Eles têm direito de reivindicar espaço no CH, eu não sou contra vendedor e empresário dentro do CH, o que eu sou contra é a falta de sensibilidade que eles têm de entender uma realidade que está aí, na cara de todo mundo, não dá pra tapar o sol com a peneira, o vendedor ambulante faz parte desse contexto. Quem tá na ponta da pirâmide é o pessoal que tem dinheiro e recurso, e quem tá na base é quem é pobre e não tem recurso. Essas pessoas são objeto de manipulação de quem tá em cima e são colocadas como indesejáveis no convívio social porque querem um Centro

Histórico “limpo, organizado” só pra o turista que vem de fora e não sabem que aqui tem o lado doente do Centro Histórico.

Eu vejo essa mudança a gente já conseguiu estabelecer. Várias pessoas em moradia social e isso é uma construção de anos e são mudanças pequenas, porque essa cidade não tem esse recurso todo, não tem como pegar um prédio desse totalmente deteriorado e revitalizar ele de uma hora pra outra com recurso público, porque não tem esse recurso. Mas eu tenho visto avanços significativos no Centro Histórico.

## FRANCISCO “DAS ALMAS”



Francisco José dos Santos veio com a mãe de Fortaleza quando tinha apenas 1 ano e 8 meses e virou morador do Desterro, do Beco do Dico na rua Rio de Janeiro.

Morou com mãe, mas logo depois foi morar com a família de criação, a família Melônio, o pai, Benedito, era sorveteiro, a mãe, Josima Iracema e junto moravam mais 3 irmãos.

De irmãos Francisco teve vários, os 3 da família de criação, sua irmã de parte de mãe e também, os vários amigos que moravam por ali, diz que Denis, é o único irmão que ainda tem.

Serviu ao exército por um ano, e logo depois, em 83, foi para Bahia morar com um tio, que também vivia no Centro Histórico de lá.

Ao voltar, não encontrou mais sua família de criação, a mãe estava quase morrendo aos 82 anos e logo depois veio a falecer, sendo velada na Igreja do Desterro, onde seus irmãos também foram e onde ele espera que seja velado também. “É uma tradição”.

Não encontrou também muitos amigos, “isso aqui eu conhecia tudinho” referindo aos moradores dos prédios na década de 70, ainda morava a “velha geração” ali. Lembrou logo depois de como o Centro Histórico era zelado, que ainda existiam os cabarés e que depois de 80 foram saindo da região.

Viu a reforma e a inauguração da faculdade de arquitetura e ocupação de tantos outros prédios por Secretarias, está cuidando dos carros desde então, o que lhe rendeu a alcunha de das Almas.

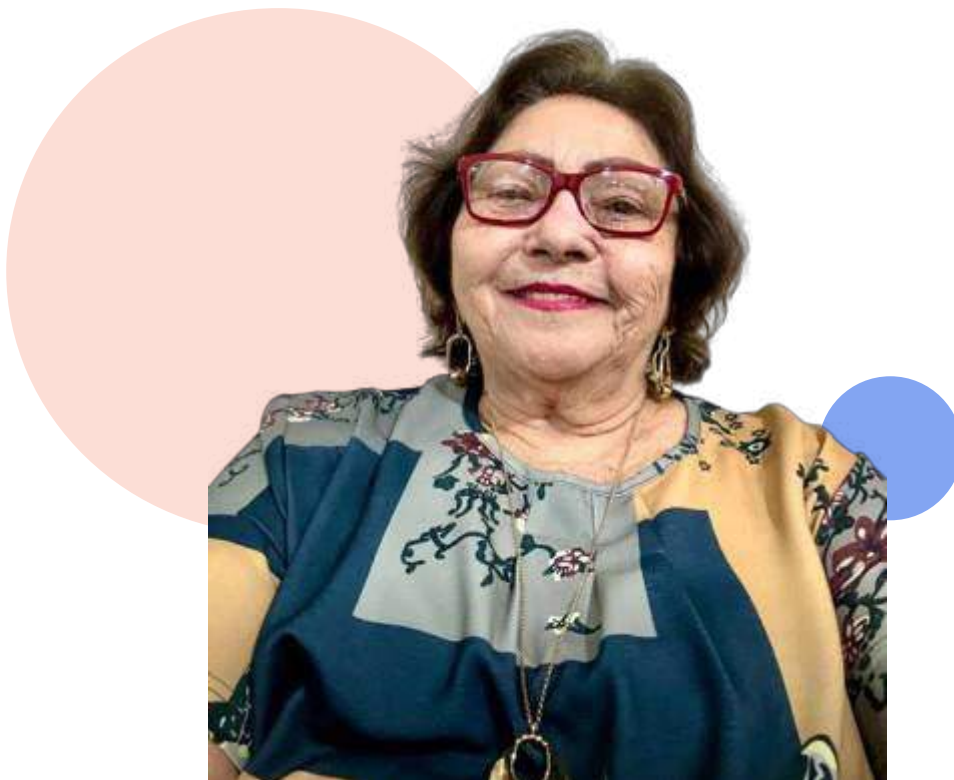
Hoje fala sobre a saída dos órgãos dali, como a Maranhão Parcerias (MAPA) e também a delegacia de Turismo na esquina da rua da Estrela com a Rua Direita, e como isso afeta o bairro “vão se passando os dias e os prédios vão ficando acabados”.

Fala também sobre como a preservação do Centro varia de governo para governo e teme que o Centro vire um deserto, igual o Centro de Salvador, por esse motivo defende que os prédios precisam ser transformados em habitação ao mesmo tempo que um morador de rua toma banho no estacionamento que está ocorrendo a entrevista, apenas comprovando essa necessidade.

Ao ser perguntado sobre a importância que o Centro teve na sua vida responde firmemente que o Centro não só foi como é importante porque lá teve e fez família, foi sua casa desde a infância e que lá “está deixando sua raiz”.

No fim da conversa, perguntou sobre no que consistia a pesquisa, disse então que era com um propósito de guardar as memórias dos habitantes do Centro, depois disso, orgulhosamente falou o quanto é bom falar sua história “me mantém vivo e a história de meus amigos também”.

## MARGARETH



Margareth Gomes de Figueiredo veio para São Luís aos 10 anos de idade em 1963. Quando saiu de Teresina, a cidade ainda era pouco desenvolvida, com costumes de cidade de interior, então as pessoas ainda botavam cadeiras na porta e conversavam até tarde sem se preocupar. Ao chegar aqui, levou um choque e os primeiros meses foram horríveis para ela sem conhecer ninguém.

Primeiramente se mudaram para um chalé na rua das Hortas, de telhas francesas e chão de assoalho de madeira, depois se mudou para casa que seus pais compraram, também na rua das Hortas, mas de esquina com a rua Viana Vaz, nº157.

A casa era uma meia morada de esquina, que só na rua lateral tinham quase 10 janelas, e por ter uma elevação do porão, conseguia privacidade suficiente para viver com as janelas abertas, já que quem passava na rua, não conseguia olhar dentro de casa, quase como se estivesse num primeiro pavimento.

Naquela época, sua unidade de vizinhança era muito rica, várias famílias, comércios, padaria e o bairro também era muito completo, com supermercado, farmácias. A Rua Rio Branco ainda era repleta de residências, hoje é majoritariamente ocupada por clínicas e cursos, assim como a Rua das Hortas.

“O que eu mais gostava de lá (Centro) era que a gente tinha tudo de acesso imediato, por exemplo, ninguém ia para o mercado, já tinha Lusitana e tudo mais, mas tinha aqueles verdureiros que vendia na porta então minha mãe comprava tudo na porta como peixe, leite, camarão, verdura.”

“A minha mãe era uma pessoa engraçada, porque as vezes ela entendia as coisas meio trocado e aí uma vez ela saiu atrás gritando o rapaz vendendo uma coisa no cofo. Esse rapaz tava vendendo tamanco (sapato de madeira) que aqui o maranhense chama de chamató e ele passou gritando “chamató, chamató, chamató” e minha mãe perguntou “que peixe é esse?”. E o verdureiro, a gente era criança né, ele sabia que a gente gostava de pitomba e aí quando ele chegava na porta chamando minha mãe “Dona Lina, Dona Lina” e aí ele começava a dizer “tem pitomba doce, tem pitomba doce” e ele ficava cantando assim porque sabia que a gente ia pedir para nossa mãe comprar. Vendiam também aquele sorvete de casquinha, uma moça que trabalhava na nossa casa namorava com um desse rapazes que vendiam sorvete, então quando ele ia lá na porta de casa a gente pagava só um tanto e ele dava à vontade para a gente. Essa vivência do Centro de memória, dos pregoeiros<sup>1</sup>, era muito boa”

Assim que chegou, começou a estudar na escola Raimundo Correia, que na época era localizada no prédio da Embratel. Estava para fazer o quarto ano do primário, porém não se adaptou ao colégio e pediu a mãe para fazer aula particular afim de fazer o exame de admissão para o ginásio, por esse motivo acabou ficando sem o diploma do primário e as únicas escolas que a aceitaram foram o Ateneu Teixeira e o Colégio São Luís, que tinha a fama de “pagou passou”, razão suficiente para ela não estudar lá. Acabou voltando para Teresina para fazer o 1º e 2º ano e depois, quando em São Luís novamente, terminou no colégio Liceu Maranhense, uma escola de prestígio.

---

<sup>1</sup> Pregoeiro: Vendedores ambulantes que comercializam alimentos e utensílios do dia a dia, mas sua principal atratividade é a forma de vender: cantando rimas e bordões inusitados. São figuras típicas desde o período colonial. (Portal da Amazônia, 2023)

**Figura 11:** Liceu Maranhense (1949)

Fonte: Minha Velha São Luís

Como todo morador do Centro, tem histórias de fantasmas para compartilhar e medo de assombrações. “Meu irmão via assombração e a minha secretária que hoje trabalha comigo, na época trabalhava lá e ela via as coisas também. O meu irmão disse que quando dava 06h da manhã, saia uma pessoa como se fosse trabalhar, vestida com roupa do século 19 sabe? Falava também que as vezes via nas escadas, assim só uma saia andando. Agora a Zezé, que é minha secretária, disse que quando trabalhava por lá tinha um banheiro de serviço separado para ela, e quando ela ia fazer as necessidades dela ela via uma velha sentada no aparelho sanitário e ela (Zezé) dizia assim “ei sai daí que isso não te pertence” e aí eu brinco com ela e pergunto “Zezé como é alma? É igual a gente?” E ela diz “não, eles parecem aqueles papéis de arroz” e eu digo “ainda bem, já imaginou se fosse que nem a gente?”. Eu não acredito, mas ela diz que é vidente, ela até hoje trabalha comigo e ela vê.

Além de professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UEMA (FAU), Margareth também trabalhou como Patrimônio por muito tempo, foi gestora, diretora do IPHAN, e seu último cargo foi de Superintendente do Patrimônio Cultural da SECMA em 2010. Seu marido, Valdelino Cécio, também trabalhava na Cultura, era poeta, advogado, escritor e um grande pesquisador de cultura popular e por esse

motivo foi homenageado em 2023 com uma praça, que leva seu nome. A praça fica localizada no alto da escadaria da Praça Nauro Machado, na Rua do Giz.

“Quando eu comecei a namorar com ele, ele era diretor do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, posso dizer que dessa época eu conheço quase tudo de cultura popular, porque a gente ia direto para o Boi de Axixá. E nessa época eu já frequentava a Praia Grande porque já era uma coisa bem legal, porém, a Rua da Palma até hoje guarda resquícios do que assusta as pessoas”.

O resquício mencionado é o estigma que ficou após a presença da Zona na Rua da Palma e na Rua do Giz. O pai de Margot tinha um comércio na Praia Grande, esquina com o beco Catarina Mina, e por conta da presença da Zona, a proibia de frequentar, assim como várias meninas da época e moças de família. Somente seus irmãos homens poderiam ir visita-lo.

“Meu marido ele era boêmio. Quando ele tinha por volta dos 16 anos ele era entregador de telegrama da *Western*, que eram telegramas que chegavam muito rápido, naquela época era uma revolução. Então o avô dele, que era diretor dos Correios, colocou ele como entregador, já que ganhava mais do que carteiro comum. Ele contava para mim que na época ele ia na Zona, quando ele recebia o dinheiro, chamavam ele de “Carteirinho”. Ele tinha uma namorada lá e ele disse que gostava de ir para lá porque ele gostava dos músicos, ele sempre gostou de música e ele também tinha um saxofone. Quando chegava no final do mês diziam “ah o Carteirinho chegou” Nessa época (da Zona) tinha o Motobar e as coisas eram de muita qualidade. Sabe quando a Zona começou a incomodar o Centro? A partir da hora que, no convento das mercês, se instalou o quartel. Tinham muitos homens, claro que estava havendo uma degradação desses “cabarés”. Mas antes eram muitos chiques, até as mulheres eles traziam de fora.”

Margareth morou ali por 40 anos. Após a morte do marido, ficou muito perigoso para ela que morava só com o filho e passava o dia longe de casa. Para gradear todas as janelas saíria quase 10 mil reais na época ao passo que sua casa se fosse vendida, valeria 20 mil. “Eu resisti sair de lá, porque meu marido adorava o Centro, e a nossa casa era toda revitalizada”.



## JOÃOZINHO RIBEIRO



João Batista Ribeiro Filho, 69 anos, é formado e pós-graduado em direito, mas sua alma é da cultura, da música e da poesia.

Veio morar no Centro aos 7 anos de idade, então toda sua formação de vida e caráter foi construída naquela área, naquelas ruas. Morou grande parte da sua existência num casarão na esquina da Rua Afonso Pena com a travessa da Lapa. Esse casarão foi habitado pelos seus antepassados e várias gerações que de sua família passaram por lá. Mudou-se no início da década de 80 para outra casa no Centro “mas mudei quase que só fisicamente, porque meus parentes ainda estão por lá, e minha história também. Tenho uma ligação muito grande pelas pessoas ali.”

**Figura 12:** Cartão fotográfico emitido por Foto Nômade. Casarão dos Carvalho. Verso do cartão: “casa da família do poeta Joãozinho Ribeiro”. Localização: rua Afonso Pena ou rua Formosa, nº 394, esquina com travessa da Lapa. Bairro do Desterro. Cartão datado em 09.09.2013. São Luís/MA.



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

A forma como a casa passou a ser de seus bisavôs ainda é uma incógnita para João, que pretende solucionar “antes de passar para outro plano”. Como eles, que eram escravizados ou filhos de escravizados, ficaram com aquele imóvel? Uma hipótese é que quando houve a independência do Brasil, muitos desses prédios que eram de famílias tradicionais, por conta da perseguição aos portugueses que ainda estavam ligados a coroa, foram embora e deixaram seus imóveis ao voltarem para Portugal. Mas em que circunstâncias essas casas foram passadas? Foram deixadas de doação? Ficaram com os escravos que cuidavam da casa? Foi um questionamento feito por Joãozinho.

Sua casa era uma casa de muitas tradições, de festejos religiosos misturados com a ancestralidade negra de sua família por conta dos bisavôs que eram descendentes de escravos e toda sua família foi construída em cima desses folguedos, desses respeitos ao sincretismo religioso. “Todos esses rituais eu vivi e convivi, então essas memórias que fazem parte da minha existência acabam sendo

também uma grande parte da memória da cidade, porque a cidade também tem seu início, seu desenvolvimento nessas circunstâncias.”

**Figura 13:** Primeira geração de sua família, com os bisavôs ao Centro



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

“Eu vivi essas memórias todas com as tradições, as ancestralidades da minha família durante um bom tempo da década de 60/70, foi nesse período que eu fiquei umbilicalmente ligado aquela região, não só por conta das pessoas, das histórias dessas pessoas, e as minhas que se confundem também com elas, mas também pelas várias tradições que minha família cultivava e as relações de parentesco e também de vizinhanças. O Centro para mim faz parte da minha existência, o Centro que eu vivi bem mesmo é aquela área que compreende o Desterro, o Portinho e a Praia Grande.

Sua casa tinha uma tradição de queimação de palhinha que ele considera ser uma das maiores da cidade na sua época de criança, diferente do costume, as palhinhas eram queimadas no dia 02 de fevereiro, dia de Iemanjá, invés de 06 de janeiro. Além das tradições de sua família, Joãozinho ficou conhecido na região

também por criar histórias e por ter montado um cinema na época da adolescência na sua casa.

Vivenciou bem a época do Centro de São Luís como região portuária e lembra que a água batia praticamente no fundo do convento das mercês, e a área da praça e do terminal rodoviário, era toda alagada.

“Grande parte de São Luís era abastecida por lanchas que vinham da região da Baixada, então ali no Centro também tem muita memória de pessoas que vinham da cidade de Viana, de Matinha, São João Batista, essas cidades que são perto. Eles constituíam família e geralmente trabalhavam com comércio, então grande parte daquele núcleo que hoje resiste naquela área do Desterro vem dessa tradição, da Baixada. Eu cresci ali com essas memórias das pessoas que construíam seus afetos e toda construção familiar diante do universo de memórias que também estavam ligadas ali”.

“Era uma cidade portuária então tinha porto, tinha marinheiros, tinha música tocando e também em grande parte dessa época existiam os cabarés, que chamavam de ZBM. Era uma área que recebia grande parte da classe média e classe alta dos homens que frequentavam eu ainda me lembro quando criança que aquele espaço lá tinham orquestras que tocavam, e muitos navios aportavam lá, na rampa Carlos Melo, onde tem a Pedra da Memória, no Cais da Sagração, os marinheiros costumavam descer e ir pra ZBM, lá eles encontravam com as mulheres da vida fácil que não era nada fácil e cambiavam muitos objetos de cultura discos principalmente, então muitas músicas que hoje fazem parte da construção da memória de muita gente passou também por isso.”

Joãozinho tem uma tese não fundamentada teoricamente, mas pela sua vivência que o reggae aqui em São Luís teve a porta de entrada dele pela ZBM. “Muitos marinheiros que aportavam aqui vinham do Caribe, das Guianas Francesas, Holandesas e Inglesas, e um dos objetos que eles mais traziam para cambiar eram discos, então eles deixavam, e a gente escutava esses ritmos que chamam hoje de caribenhos, salsa, merengue. **Minha primeira lembrança de escutar reggae foi na ZBM.**”

Lembra de outra tradição do bairro, o futebol, que revelou muitos atletas famosos naquela região, embora diga que não entenda muito como era possível, já que não tinham campos na área.

“Os três locais que eu me lembro que a gente jogava bola, eu gostava de jogar bola na juventude, um era o largo da Igreja do Desterro, nem me pergunte como, era uma disputa você nem imagina, só quem viveu sabe, o outro, era lá no Convento das Mercês, funcionava o quartel da polícia, o Comando, e não tinha aquele poço, ali era uma quadra, lá a gente pedia licença para jogar bola nos finais de semana. E a outra, era um espaço mais improvável ainda, eu nem sei se minha memória consegue reconstruir esse pedaço, aquele bequinho entre o convento das mercês e os casarios do Desterro, se não me engano é beco do Caga Osso<sup>21</sup>, eu me lembro que eu descia ali pra tomar banho nas águas do mar detrás do convento das mercês, só que ali tinha um campo. A gente chamava campo porque a gente jogava bola, mas era uma coisa totalmente improvável, era um ladeirão onde uma trave não conseguia ver a outra, porque tinha uma usina de arroz bem no meio. Então um goleiro não olhava o outro, eu sei que o futebol se dava por aqui. É uma lembrança vaga que eu tenho e o resto era água.”

---

<sup>2</sup> Beco do Caga Osso, localizado no Desterro, tem seu início na Praça das Mercês e se estende até à Rua Formosa (Afonso Pena). O nome peculiar se dá a partir de um italiano que ali morava, Cagliostro. Devido a pronuncia difícil, a população local decidiu adotar o termo abreviado de “Caga Osso”. (O Imparcial, 2020)

**Figura 14:** Largo da Igreja do Desterro, 1948. Fotografia de Pierre Verger.



Fonte: Centro Cultural Vale Maranhão via Minha Velha São Luís.

**Figura 15:** Convento das Mercês (1974).



Fonte: Iphan via Minha Velha São Luís.

Por ter chegado no Centro ainda muito novo, aos 7 anos de idade, não conseguiu construir identidade com o bairro que morava antes, Cavaco, que hoje é conhecido como Bairro de Fátima. “Eu tinha a memória, não afetiva, mas afetada desses bairros”, porém com o Desterro, foi diferente “Lá tinha minha família e lá eu fui construindo também essas amizades, e captando o que havia no meu exterior, ai que eu descobri a poesia, descobri a música”. Hoje, como músico e poeta, possui mais de 100 canções gravadas, inclusive com nomes conhecidos, como Zeca Baleiro e Chico César e também várias poesias, que o levaram a ganhar concursos literários e também os maiores prêmios da FAPEMA e UFMA, o Bicentenário de Gonçalves Dias e o de Mérito Cultural, respectivamente.

**Figura 16:** Joãozinho recebendo o prêmio de Mérito Cultural da UFMA em 2022.



Fonte: Portal UFMA.

Na época dos primeiros tombamentos, nos anos 70, estava alheio a esses movimentos, embora morasse ali. A sua ligação com o bairro primeiramente era mais humana, com as pessoas, com as memórias e as histórias delas. A institucional vem muito depois. Começou a ter uma compreensão maior do significado do patrimônio edificado apenas quando começou a exercer cargos públicos, porque o patrimônio

que mais esteve impregnado nas suas memórias era o patrimônio construído pela história das pessoas. “Era a dos marinheiros, dos comerciantes, porque meus pais vendiam no mercado, aquela relação de comércio, de funcionamento da vida prática das pessoas que ali moravam, como se sustentavam, onde estudavam, filhos de quem.”

Foi presidente da Fundação Municipal de Cultural (anos 97/98) e esteve presente em momentos significativos de São Luís, como quando a cidade foi reconhecida Patrimônio Cultural da Humanidade. Foi junto a uma delegação para a cidade de Nápoles, Itália em dezembro de 1997 receber o título. Mais tarde foi secretário de estado da cultura, nos anos de 2007 a 2009.

Ao voltar de Nápoles, com o título, foi questionado por um taxista que habitava no Centro, uma personalidade ilustre da época chamado Waldick Soriano. Ele queria saber do que se tratava o patrimônio e o que isso iria afetar na vida deles, já que não tinham patrimônio (material). Ele assim como outros, Faustina, Sousa do Cachorro-Quente, foram pegos de surpresa e não tinham noção do que se entedia como Patrimônio. O grande título, na cabeça de muitos, não se encaixava na realidade deles, do pobre. Esse questionamento acabou criando uma inquietação em Joãozinho, e ninguém estava se perguntando nos debates, o que de fato o título iria impactar no dia a dia das pessoas. Isso o levou a pensar no conceito do Patrimônio Humano.

Para ele, apesar do reconhecimento de São Luís como Patrimônio da Humanidade, vários espaços daquela área estavam desumanizados “para maioria das pessoas e instituições, patrimônio é pedra e cal, mas ali morava gente, morou e mora, várias gerações”. São as pessoas que dão vida ao local, são elas que são o patrimônio de fato, “O patrimônio é da humanidade, tá subentendido que a humanidade tem pessoas” e no entanto, faltou esse reconhecimento, até mesmo nos programas de revitalização, “o primeiro projeto (PPRCHSL) desconhecia que o Desterro existia, mas o Desterro não só existia, mas era justamente onde tinha gente”.

“O Centro teve vários ciclos, aonde tem porto, onde as lanchas atracavam e abasteciam a cidade, tem comércio, onde tem comércio tem vida, tem gente, então quando o porto sai, ele deixa uma porção de órfãos. Quando se constrói o anel viário, a primeira coisa que deixa de existir é o porto, não que ele não seja necessário, não sei como a cidade estaria hoje em função de fluxo de trânsito sem ele, mas ele



desconstrói aquela cultura e tudo que ela significava, aqueles bois que o pessoal matava na Baixada e traziam pra vender aqui, as farinhas, os gêneros alimentícios, se você corta isso, ficam órfãos desse lado, o pessoal que mora aqui e também quem plantava e criava pra vender aqui, então esse é o primeiro fluxo que é cortado. Leva a decadência de pessoas que viviam direta ou indiretamente desse ciclo, inclusive a ZBM, que não só era frequentada pelos figurões da cidade, mas no dia a dia, essas pessoas que desembarcavam. Em outro momento também, as próprias instituições públicas que criavam em torno dela uma série de vivências e convivências começaram a ir embora, o Tribunal de Justiça com todo o seu aparato foi embora pro Calhau, o Palácio do Governo também, a Assembleia Legislativa, então quando você fecha um prédio desse, toda vida que girava em torno dele também vai embora.”

“É quando a gente tem a percepção do patrimônio humano, quando deixa um pouco de lado o espaço construído fisicamente e passa para um espaço de construção da memória, das pessoas com suas histórias, porque todos esses espaços vão ser habitados ou não. O professor Milton Santos, um geógrafo que as pessoas chamavam de filósofo da geografia, tinha um conceito de lugar que gosto de usar até hoje: O que é o lugar? O lugar é o prédio? A construção? Não, o lugar é o espaço do acontecer solidário. Esse acontecer solidário só pode existir com o elemento humano. Não há solidariedade entre prédios, é impossível existir, só há quando as pessoas invadem, no bom sentido, a existência das outras e comungam, compartilham as histórias, de quem vem antes, do que se está preparando pra depois.”

Disso vem a importância das pessoas habitando, das memórias e do patrimônio humano. As pessoas cuidam do espaço “Só cuida quem ama. Esse amor não nasce do dia pra noite, nem espontaneamente, o amor pela cidade. O meu livro (Paisagem feita de tempo, 2006) embora seja um pouco biográfico, ele é uma grande declaração de amor pela cidade de São Luís”.

**Figura 17:** Páginas 23 e 24 do livro Paisagem feita de tempo.

Porque uma rua comporta a história  
 É as vidas dos seus moradores  
 Que acontecem diariamente  
 Dentro das casas,  
 Dentro dos rostos  
 Espreitando nas janelas,  
 Nos cochichos das cornadres  
 E na apoteose dos bêbados



Porque uma rua está para o bairro  
 Assim como uma artéria para o coração

Nela pulsam os becos  
 E estacionam os cantos  
 Que servem de parlamento  
 Para as conversas de velhos  
 Que alimentam sua existência

Quitandas,  
 Números de casas,  
 Crianças misturadas com cachorros  
 Trepando na via pública,  
 Da forma mais natural  
 Com que os bichos trepam

Sem regras preestabelecidas  
 Simplesmente pela necessidade  
 Dos seus instintos de bichos



## JESSICA



Jessica Mendonça de Carvalho, 28 anos, é de Santa Inês/MA. Se mudou para São Luís para fazer faculdade de arquitetura. Até então seu interesse pelo Centro e a importância dele em sua vida não era algo nem imaginado.

“Quando eu entrei no curso de arquitetura, eu entrei em outra universidade, no CEUMA, e aí no convívio do curso, comecei a participar de eventos da FAU, tipo semana de arquitetura, semana de calouro. Com isso, comecei a frequentar lá o espaço, o Centro Histórico, aí eu me encantei mais por esse contexto, de tá estudando dentro do CH. Nesse ano mesmo eu prestei o vestibular e vim do CEUMA pra cá, já tava no 3º período lá e comecei tudo de novo aqui na FAU. Já tava realizada de estar estudando aqui no Centro, pela convivência de caminhar por aqui com os amigos quando o professor cancelava a aula e a gente já tava aqui. Sempre tinha o que fazer, sempre tinha algo acontecendo, aqui é o palco da diversidade.”

“O que foi mais primário, claro que tinha essa questão de ser bonito, né? De ter esse apelo (estético), eu gostava muito das disciplinas de história. Eu dizia que queria ser professora de história quando eu terminasse, entendeu? Só que o que mais

me pegou mesmo foi esse pertencimento, assim, de me sentir parte desse espaço mesmo, me sentir segura pra andar, sabe? Pra caminhar pelas ruas.”

“Aí, estabelecendo relações, por exemplo, quando eu chego na FAU, imediatamente a gente já estabelece relação com a dona Raimunda, do bar da Raimunda. Então, aquilo ali foi me cativando, sabe, de almoçar ali próximo, na moça que faz o almoço, porque como eu tava pesquisando, ficava o dia todo lá. Aí ter o bar da Raimunda, ter essa relação, essa vivência mesmo do corpo com esse espaço, de ser um lugar muito acessível, de ter esse conforto, assim, é um lugar que, mais do que outros espaços da cidade, é um lugar que eu sentia que eu podia caminhar. É um lugar sombreado, parece que a escala aqui é mais acolhedora. Então, essas coisas, além de todo o apelo histórico, foi me chamando a atenção. E outra coisa também foram os acessos, assim, aos movimentos culturais. A gente tava tendo aula e de repente tinha um show da Marília Mendonça na praça.”

“E aí, isso era muito fascinante, tipo, os tempos do festival BR-135 aqui no Centro. A gente conhecer aquele monte de artista. É um mundo assim da universidade mesmo. Como eu vim do interior do estado, então pra mim essa foi minha vivência de cidade. E foi mais aqui (Centro) do que nos lugares que eu morava, porque eu morava no Maiobão, no Bequimão, e eu só ficava nesse pêndulo, vinha pra cá, e aqui que eu vivia. A minha sensação era essa.”

“No meu bairro eu nunca tive essas experiências, ia na feira, no mercado, mas essas experiências, sabe, de movimentos sociais, militância política, os protestos no tempo daquele caso dos 10 centavos, 15 centavos, aquela grande manifestação que teve. Participar de tudo isso, desses movimentos, foi o que fez eu me sentir assim na cidade, me interessar por urbanismo, me interessar pelas linhas de pesquisa da professora Marluce, então veio tudo junto.”

Logo em seu primeiro período como estudante da FAU-UEMA, já iniciou sua vida de pesquisadora com a Professora Marluce Wall Venâncio como voluntária de suas pesquisas. A primeira pesquisa que participou, e que acabou norteando todas as outras, era justamente sobre o Centro.

“Quando entrei estava na fase de questionários, era uma pesquisa que estudava a dinâmica do mercado imobiliário no CH. A gente estava aplicando questionários em ruas determinadas, perguntando se a casa era alugada, se era

própria, se era comercial, habitacional e fazendo um questionário intenso com as pessoas e caminhando pelo Centro, sabe?”

“Na faculdade, o primeiro contato que a gente tem com patrimônio é mais no ponto de vista estético, dos estilos, do que aconteceu, aquela visão do colonizador. Onde eu fui ter contato com uma outra narrativa do Centro foi pela pesquisa de Marluce, desde o começo, porque eu não tive nem chance de achar que aqui não moravam pessoas, porque eu já comecei entrevistando pessoas que moravam, e muitas pessoas moram. Ver aquele estilo de vida, de vizinhança, estilo de vida bem pacato, de bairro mesmo, dentro de um Centro. Então tudo isso já foi me direcionando sobre esses preconceitos, esses sentidos comuns.”

“E aí, mesmo que na universidade a gente tenha tido contato mais com essa perspectiva visual, estética, o que sempre me prendeu e acompanhou até a minha dissertação, são as pessoas, esse Patrimônio Humano, **isso pra mim que é a alma disso tudo, que faz isso tudo estar em pé**, porque casa vazia não esquenta parede. Então, a partir do momento que eu comecei a frequentar aqui como estudante e depois que me formei, comecei a estar muito mais inserida nesse contexto e nesses movimentos culturais.”

“A partir da própria universidade a gente fez um evento e convidou pessoas do reggae, da capoeira, pra dar oficinas de graça em um evento nacional e nesse momento que eu me aproximei mais do movimento cultural. Pra retribuir, fui fazer uma aula experimental com a mestra de capoeira que deu aula nesse evento e até hoje é minha mestra.”

“Foram encontros, e tudo graças a FAU, foi muito feliz a ideia de trazer o curso de arquitetura pro Centro, traz a gente pra cá, fica como campo de pesquisa, sempre tem pessoas falando nos seus trabalhos sobre o Centro e eu acho isso muito importante. Eu fiquei até apreensiva quando eu tava escrevendo, com medo de esgotar, “ah, todo mundo já falou tudo sobre o centro, não tem mais o que falar”, mas sempre vai ter alguma abordagem nova.”

“Eu sinto muito mais o impulso de proteger as pessoas e as manifestações, porque muitas vezes o pensamento de proteger as edificações é agressivo pras pessoas, porque retira as pessoas em nome de um ideal de proteger as edificações. Então, protegendo as pessoas e manifestações, indiretamente vamos estar protegendo as construções.”

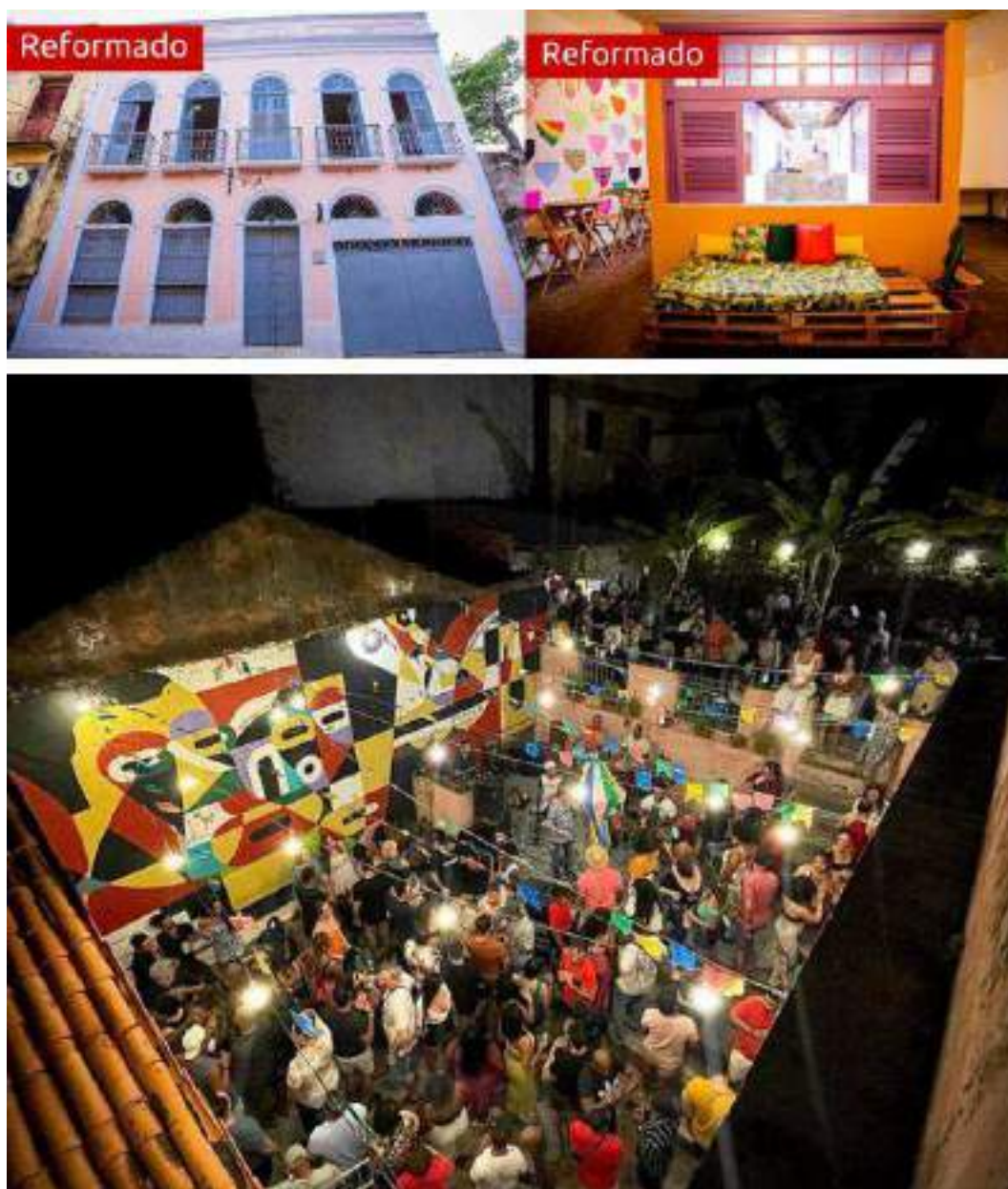
Após sua formatura em 2019, Jéssica e alguns amigos abriram o Porta e Janela, um escritório popular de Arquitetura e Urbanismo que “aposta na força da coletividade e na coprodução de espaços dignos e salubres, bem como cidades mais democráticas e inclusivas.” (Escritório Porta e Janela, 2020). O escritório foi um dos escolhidos no projeto Adote um Casarão do programa Nosso Centro. Hoje, o casarão reformado é um *coworking*, que além de abrigar o escritório, também conta com uma biblioteca do acervo de Nascimento de Moraes Filho e um bar cultural e café, chamado Tebas.

**Figura 18:** Casarão n.140 da Rua do Ribeirão antes da Reforma.



Fonte: Instagram Escritório Porta e Janela.

**Figura 19:** Casarão Porta e Janela depois da Reforma.



Fonte: Instagram Escritório Porta e Janela.

“Então, todo mundo que fez parte do escritório também tava inserido nesse contexto de vivência no Centro. A pessoa que propôs a gente se inscrever no edital, ele é, inclusive, um fã ali, adepto do Bar de Senzala. De ficar tomando a cerveja lá, conversando. Então quando surgiu o edital, a gente já tava trabalhando no escritório, já tinha começado, só que só enquanto ideia. A gente se reunia no quintal de uma colega nossa, que tava no grupo, e trabalhava muito online, à distância, e a gente sentiu que precisava ter um espaço pra poder focar naquilo, trabalhar todo mundo junto, concentrar. A gente tava quase alugando um ponto lá na Cohab, pra botar o

escritório, quando o edital saiu. Aí, a gente “Éguas, vamos mandar uma proposta” todo mundo fascinado pelo Centro, “meu Deus, já pensou um escritório lá no centro?”.

“É um edital bem difícil, quando eu penso que a gente conseguiu passar, eu acho mesmo que era pra ser, porque era um processo muito difícil, que não era voltado pra propostas como a nossa. Eu digo que a gente conseguiu *hackear* mesmo o edital, eram sete pessoas escrevendo, então a gente foi e montou essa proposta completa já incluindo o Tebas, porque só o escritório não ia ocupar o casarão todo, e a gente tinha que pensar um projeto completo.”

“Esses casarões do programa, a justiça determinou que o Governo do Estado tinha que reformá-los, dar um uso pra eles. Então, foi também uma oportunidade que eles encontraram em terceirizar essa obrigação. Todo mundo que ficou responsável pelo casarão teve que reformar, bancar com os custos da reforma e da manutenção do prédio, assim, até hoje.”

“Quando a gente foi estudar o edital, a gente tentou procurar os casarões que estavam menos detonados na estrutura, e lá tava mais ou menos, a gente teve que reformar mais acabamentos, coisas menores. A gente entrou no casarão só com o escritório, e aí, quase um ano depois que a gente abriu o Tebas, a gente se organizou, porque tudo é recurso, né? Tem que equipar, tem que montar equipe. Aí, a gente montou o Tebas no sentido de captar recursos também pro casarão, para manter ele, porque é muito caro.”

“Depois de um tempo, a gente tava pagando do nosso bolso uma pessoa, um segurança, para dormir lá todos os dias para ele não ficar sozinho, porque o pessoal disse para a gente que se deixasse o casarão sozinho, iam entrar, iam roubar as coisas. E aí, nesse mesmo momento, eu estava morando no Bequimão e eu ia sair de lá, entregar o apartamento, porque tinham tentado assaltar meu apartamento. Aí, nesse momento, surgiu essa possibilidade. Invés de a gente pagar 700 reais para o segurança e eu pagar 800 reais de aluguel, eu vou ficar aqui no casarão. Eu morei lá um tempão, cuidando de lá como uma guardiã mesmo do prédio, eu e um gato.”

“Essa experiência foi maravilhosa, eu achava muito bom, enchi minha casa de plantas, era tudo perto, fazia tudo andando. Eu tenho muita saudade de morar no Centro por isso, aquela independência completa. É maravilhoso não precisar ficar em trânsito, não ficar em engarrafamento, eu acho isso uma das melhores coisas, assim, de estar aqui.”



“Eu morei lá quase um ano, nessa época funcionava só o escritório, a gente estava ainda construindo a ideia do Tebas, aí, um pouco antes do Tebas inaugurar, eu me mudei. Depois do casarão, eu me mudei pra perto do Laborarte, rua Oscar Galvão, em frente à casa de Rosa Reis, fiquei lá por dois anos. Eu nunca tinha morado e eu tinha muita vontade, sonho, assim, um fascínio que minha vida ia ser perfeita quando eu morasse no Centro. “

“E, de fato, foi isso tudo mesmo, mas o que foi ruim foi, por exemplo, quando eu saí do casarão pra morar de aluguel, a relação com o dono da casa era muito ruim, porque ele era daquele tipo que ele tem, tipo vinte e seis casas pelo Centro, e ele não faz questão, se eu saísse hoje, tem uma fila de pessoas pra alugar a casa, porque a procura é enorme. E aí, ele não fazia muita questão de reformar, não deixava eu reformar também, eu passei um mês com cinco goteiras em cima da minha cama, dormindo no molhado, e nem ele resolvia e nem eu podia resolver. Aquilo tudo foi me cansando, porque a casa começou a ficar com um bocado de problema, estrutural mesmo, aí, no período de chuva, aquele monte de goteira, umidade, alagamento... então, no período de sol é perfeito, maravilhoso, mas, no período da chuva, a gente passa uns perrengues.”

“Eu acho muito massa como aqui consegue oferecer inúmeras experiências, né? A experiência turística, a experiência cultural e a experiência de comunidade, de moradia, de vizinhança. Durante a pandemia, foi um período também que ficaram só as pessoas que são daqui mesmo, eu tava morando aqui nesse período, e aí era muito bom essa ajuda que a gente tinha com o outro, o cuidado entre os vizinhos. Essa existência em comunidade ajuda esse lugar a permanecer também, sabe? A continuar independente do programa de governo, que entra, programa que sai, as pessoas ficam, sabe? E vão mantendo esse conceito, essa excepcionalidade do lugar.”

“A questão do patrimônio humano eu acho que é uma estratégia política, de Denis e não só dele, mas do movimento por moradia no Centro. Ali no Desterro, principalmente, que é a bandeira deles. É uma estratégia muito sagaz, porque eles percebem, na sua vivência da vida toda, eles passaram pelo processo de patrimonialização junto com os prédios que foram tombados e eles estavam aqui, no meio disso. Então, esses significados de ser patrimônio foram decantando no cotidiano das pessoas, ao longo dos anos. E eles viram que é um valor, que o Estado

protege porque é patrimônio. Então, eles colocam: “Pois, eu sou patrimônio humano, olha pra mim, escuta as minhas pautas, sabe? Escuta o que eu tenho a dizer”. Então, é uma estratégia de se inserir de uma forma mais igualitária nesse discurso, nesse diálogo, e eu acho muito sagaz mesmo, espero que emplaque, por isso que coloquei na minha dissertação, porque quanto mais a gente puder fortalecer esse conceito, essa luta do movimento por moradia, a gente vai estar somando forças”

**Figura 20:** Jessica apresentando sua tese.



Fonte: David Ferreira, 2023.

Jessica consegue perceber as mudanças no bairro de várias perspectivas, considerando os diferentes contextos em que estava inserida na comunidade. “Enquanto estudante, o que consegui perceber terminando a universidade foi essa transição simples, tem BR-135 no Centro, não pode mais ter, tem Aldeia Sesc Guajajara na Nauro, não pode mais ter. Aí eu fiquei assim, por quê? Aí tem várias discussões, né? Tem as coisas oficiais e o que se fala. O que as pessoas falavam é que não comportava mais, que o festival tava ficando perigoso ser dentro do Centro, porque tava tendo muita gente, o impacto era muito grande, esse tipo de evento tinha que ir pra outro lugar maior, aí a Maria Aragão absorveu essa demanda. Mas eu percebi logo isso, essa mudança desses eventos populares que era uma agenda fixa. Percebi isso e essa mudança de público também, porque quando tem aquele lance das luzes, vem uma galera pra cá que não costuma frequentar e é essa a intenção do

programa, né? Que essas outras pessoas, outro público, que tá do outro lado da ponte se interesse pelo Centro também, tipo “olha aqui ainda é legal, venha pra cá, traga seus filhos, consuma nos estabelecimentos”. Então, se vê essa mudança de perspectiva, de tentar trazer esses investimentos e esse novo público pro Centro.”

“Aí, já enquanto moradora, o que percebi foram os tapumes, tapume, tapume, disputa de tapume. Tapume do estado, tapume da prefeitura, tapume do IPHAN, muita intervenção acontecendo ao mesmo tempo. Durante a pandemia, isso aqui virou um grande canteiro de obras, praças sendo reformadas, casarões sendo reformados, então, foi uma mudança essa intensificação dos projetos.”

“E quanto aos movimentos sociais, foi algo bem controverso, sabe? Porque tem uma valorização, mas ao mesmo tempo vem a repressão também junto, que vem junto com essas reformas, cheias de normas também de comportamento, vêm cheias do usuário ideal que eles gostariam que estivesse na rua reformada. E aí, eu percebo que tem uma valorização, mas no sentido de valorizar para o turismo e não pro habitante, não pra capoeira ser valorizada, pra coreira ser valorizada, mas pra botar todo mundo uniformizado, pra se apresentar bonito, pro turista estar olhando. Mas as pessoas, a comunidade cultural ganha também com a reforma, os espaços, porque é onde acontecem os movimentos culturais, então, uma praça arrumada é bom. A praça da Faustina, lá do Tambor, foi reformada e melhorou o trabalho dela, então, é sempre uma faca de dois gumes, é assim.”

“No centro, eu vivi muito. Tenho vivido, né? Continuo vivendo muitas experiências aqui. Eu tava passando aqui nessa rua com esse guarda-chuva e eu lembrei de um outro momento que eu tava aqui, com um outro guarda-chuva igual a esse, eu tava aqui arrasada, de coração partido, outro cabelo. Eu fiquei pensando assim... “Cara, esse lugar já tem me visto em muitas fases, né?” E fiquei feliz, assim, que eu tô me sentindo melhor também, evoluindo, e continuando aqui nesse espaço, ele assistindo a minha vida acontecer e fazendo parte dela. Então é muito bom, tenho muito carinho por aqui por isso também. Cada esquina dessa é muita história, muita lembrança, coisas assim da vida, coisa boba, de vivência, de amores, de desafetos, de chuvas homéricas, de chegar em casa encharcada de faculdade.”

## HENRIQUETA



Henriqueta Evangeline Feitosa Rabelo, 25 anos. Se mudou para a Rua da Palma em 2003. Seu pai foi um dos sorteados do Subprograma de Promoção Social e Habitação dentro do PPRCHSL, que reformou casarões para habitação, esse prédio especificadamente foi idealizado para ser sorteado entre servidores públicos.

**Figura 21:** Henriqueta e o Pai na sacada de sua casa. 2005.



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Nessa época, a área em que morava, no bairro da Praia Grande, estava passando por um período sem muitos investimentos em revitalização, então muitos dos prédios institucionais que existem hoje, como o Centro Cultural da Vale, o Casarão Tech e prédios do governo que trazem bastante movimento para o Centro, não existiam. No entanto, o uso de moradia era algo constante.

“A minha infância foi muito boa. É... Primeiro que eu estava em Santa Teresa, né? Pertinho, eu ia andando pra escola. Segundo que, quando eu era criança, tinham muitos programas de cultura, de teatro, de apresentação para criança e tal. Então, eu vivi muito isso no Centro, de assistir peça em praça, entendeu? De brincar com o pessoal. Ali perto da praça, Valdelino Sécio, tem um prédio também que tem vários moradores. Eu brincava com aquelas crianças de lá, entendeu? Aquelas pessoas eram minhas amigas de infância. Mais embaixo, depois da Praça da

Faustina, em frente ao mato, também tem outro. Então, ali também fiz várias amizades. **Os moradores do Centro se faziam companhia.** A gente saía pra brincar com as crianças e tal. Então foi uma infância muito boa, brinquei muito. A gente andava nas ruas sem perigo de nada, entendeu? Os moradores todos nos conheciam”.

**Figura 22:** Henriqueta brincando com amigos na praça da Faustina. 2005.



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

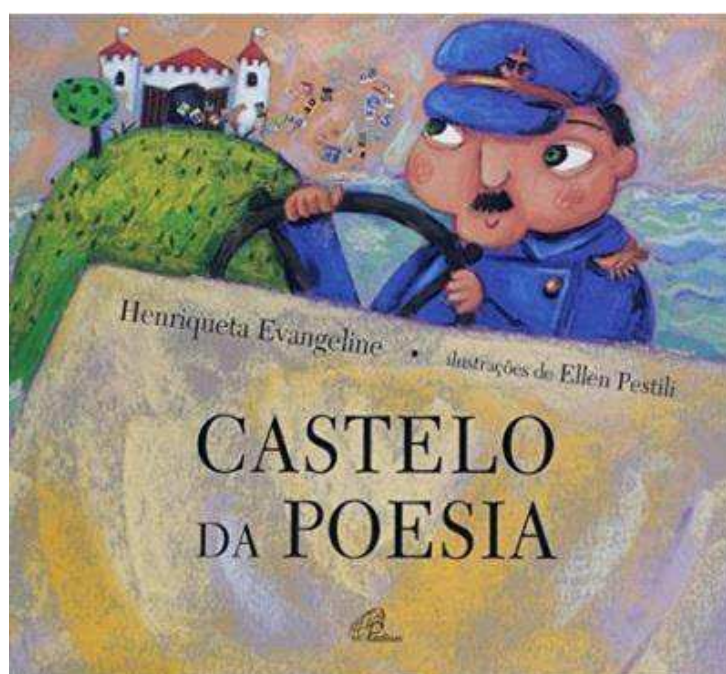
Seu irmão, Joseh, que nasceu em 2009 já não pode ter a mesma vivência, já não era comum essa interação com outros vizinhos ou as brincadeiras na rua devido aos avanços tecnológicos. “ele vai ter certa vivência, porque a gente passeava muito, sempre foi de andar muito, de ir na praça, de viver a vida cultural. Mas não igual a minha experiência. Porque a gente ficava até tarde na rua, se tivesse tambor de crioula até tarde, a gente ficava no tambor até tarde, era tudo ali perto”.

Henriqueta comenta sobre importância que a habitação tinha dentro do bairro, ao lembrar do cotidiano dos moradores, já que sem eles, o bairro realmente ficaria sem movimento na parte da noite. “Quando eu fui pra lá, né, a galera ainda colocava cadeira na calçada pra sentar, ainda tinha muita gente antiga. Os velhinhos, que hoje já morreram de velhice, colocavam cadeira na calçada, sentavam,

conversavam, isso dava vida também, entendeu? Essas vivências com amigos e vizinhos era algo que não poderia ser reproduzido em nenhum outro bairro de São Luís devido a escala do Centro ser mais convidativa.

Toda vida de Henriqueta girava em torno do Centro. Fazia aula de piano na escola de música Lilah Lisboa; inglês no Icbeu da montanha-russa, estudava no Santa Teresa; fazia compras na Rua Grande, “Então assim, tudo perto, tudo andando. E tinha a liberdade de fazer sozinha também.” Todas essas interações acabaram resultando em um livro chamado Castelo da Poesia, que é um grande compilado de tudo que a Henriqueta de 4/5 anos vivia e via.

**Figura 23:** Capa do Livro Castelo da Poesia.



Fonte: Livraria Arco-Íris, 2008.

“É cheio de referências. Ele surgiu em uma conversa que eu tava tendo com a minha mãe, ela tava fazendo acho que a monografia dela e aí falou: “tu não quer fazer poesia?” Aí eu “quero, claro que eu quero”. Meus pais sempre participavam de grupos de estudo de livro e poesia e tal, então eu tava sempre nesse meio. E eu era bem novinha, não sabia nem o que estava fazendo, aí começou desse jeito, eu fazia desenhos e contava histórias que eram os poemas desses desenhos só que, assim, os desenhos todas as histórias eram da minha vida e minha vida era no Centro. Então eu tenho um poema falando da Beira-Mar, eu tenho um poema falando de árvore que eu olhei lá do outro lado do mar, entendeu? Do pôr do sol que a gente

olhava do lado da casa do Maranhão onde tem o Bar do Porto”. O Centro é uma inspiração pra mim até hoje, eu gosto de escrever, até hoje eu escrevo, então assim, a minha imaginação é sempre no Centro Histórico. Isso faz parte do meu DNA”.

Ela não entende como algumas pessoas não frequentam o Centro como escolha. “Eu fico chocada que quando eu mudei de escola, tinham amigos meus que nunca tinham pisado no Centro e tem esse preconceito, né? Que os pais vão passando para os filhos né de “ah não, o Centro é perigoso” O que é triste porque o Centro tem tanta história e é tão cultural, **eu honestamente não sei o que seria de mim se eu não tivesse morado lá**, eu acho que a minha história teria sido completamente diferente porque querendo ou não o Centro ensina muito e molda a pessoa.”

A família de Henriqueta saiu do bairro em 2014, não porque odiavam o bairro, muito pelo contrário, ainda sentem muita saudade de lá. Assim como qualquer outro bairro, o Centro também tem seu perigo. Seu pai acabou sendo assaltado duas vezes na porta de casa e ameaçado de estar sendo vigiado. Mesmo com uma delegacia na esquina de sua casa.

“Essa delegacia era só de enfeite. Inclusive, tem uma história muito engraçada. Uma vez eu era muito pequena ainda, minha mãe foi me buscar na escola de música de manhã. A gente tava passando pelo canto da delegacia e passou um monte de homem correndo. Desesperados. O homem estava desesperado, porque ele deixou o chinelo no chão e saiu correndo. E minha mãe, olha.... Eles erraram de delegacia, vieram registrar o BO e não era aqui. Eu falei, mamãe, isso aí são os presos que estão fugindo. Porque lá tinha presos, né? Aí quando foi meio dia, no jornal, anunciaram que tinham fugido presos lá. Eu acho que depois dessa fuga, eles tiraram os presos de lá. E aí depois, fechou a delegacia, o prédio pegou fogo.”

*O mar que não se seca*

*O mar que não se enche*

*A vela que não para de navegar...*

*E o amor?*

*Não sei por que eu não fui com o mar*

(Rabelo, 2005, p. 5)



## JOSÉ EULÁLIO

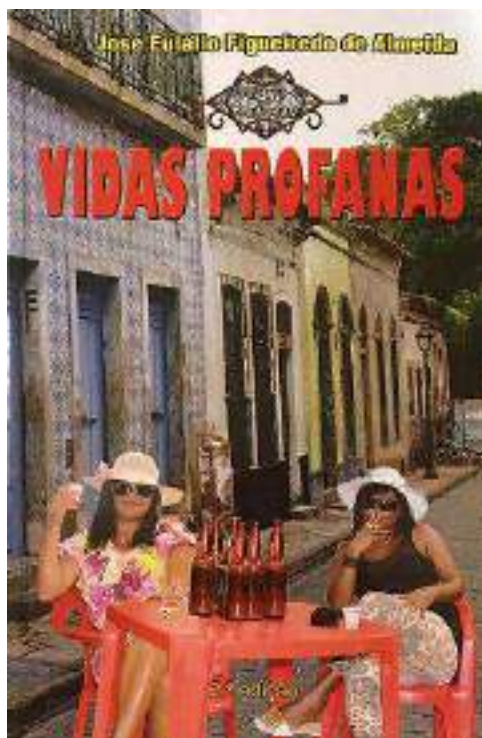


José Eulálio Figueiredo de Almeida é poeta, compositor, escritor com 10 livros publicados, historiador e também juiz em São Luís. Veio da Baixada maranhense, do município de São João Batista, em 1963, aos três anos de idade. “Vim com meus pais que migraram para São Luís em busca de melhores dias, não só para eles, mas para os filhos, escola, estudo”.

“Nós fomos morar num prédio de dois andares que fica localizado no largo do Desterro, exatamente em frente à igreja. E ali nós chegamos, a cidade de São Luís era bem provinciana ainda, ainda hoje é um pouco. E o Centro Histórico sempre foi aquilo, aquela tranquilidade, né? E ali, naquela área do Convento das Mercês, que antigamente era o quartel de polícia, ali até a igreja, era uma zona familiar, só moravam famílias, pessoas de bem. Do quartel de polícia no convento, até onde funcionava o chamado Primeiro Distrito, tinha a rua 28 de Julho e a rua da Palma, também conhecida como Herculano Parga, que era parte da Zona do Baixo Meretrício, onde ficavam essas mulheres chamadas... Mulheres de Vida Fácil”.

José Eulálio a partir de sua vivência como morador do Centro decidiu escrever o livro “Vidas Profanas” afim de retratar um período desconhecido por muitos, a existência da Zona do Baixo Meretrício.

**Figura 24:** Livro Vidas Profanas. 2018.



Fonte: Livraria Amei. 2018.

“A vida boêmia de São Luís girava toda em torno daquilo, daquele ambiente lascivo, aquele ambiente de diversão. No início da noite, era a grande movimentação ali na área do Baixo Meretriz, era como se fosse uma casa noturna, uma boate, um shopping a céu aberto nas ruas.”

“Para ali, praticamente, a população masculina da cidade inteira se deslocava, porque aquelas mulheres ficavam ali aguardando os clientes, com várias casas que se chamavam de cabarés, ou boates, ou pensão, para encontros íntimos. Onde funcionavam ao som de orquestras ao vivo, não tinha som eletrônico. E havia muita bebida, muita diversão, e a vida da cidade girava praticamente em torno daquilo. Porque era muito comum, às 9 horas, ou no máximo 10 horas da noite, os pontos principais ali do Centro fecharam, como o Hotel Central, o abrigo da Praça João Lisboa, o Motobar.”

“Quando esses ambientes fechavam, quem estava ali e queria continuar bebendo, dançando, se divertindo, ia para a Zona, porque a Zona ia até 2 horas da manhã ou mais. Naquela época não tinha essa questão de fiscalização de tantos decibéis, até porque não existia música eletrônica, não existia esses paredões de reggae, não, era orquestra mesmo, músicos tocando os instrumentos presencialmente.”

“Eu era um garoto na época, a Zona ela funcionou mesmo ali até na década de 80, mas deu para eu ver muita coisa porque o ônibus que me levava para a escola, ele passava ali naquela rua que fica mesmo bem perto do Convento das Mercês, quando não, na rua direita, que era mais perto do primeiro distrito, e eu tinha que obrigatoriamente passar pela Zona para pegar o meu ônibus.”

“As mulheres da Zona muitas vezes se viam nessa situação por falta de opções, confinadas por costumes da época que desencorajavam relacionamentos fora do casamento e limitavam suas oportunidades de trabalho, elas enfrentavam uma vida desgastante e frequentemente degradante.”

“Como aquela área era próxima da rampa Campos Melo, onde atraca a Lancha de Alcântara, ali era uma espécie de porto, portal de entrada pelo transporte marítimo, porque não havia transporte terrestre e muito menos aéreo. Era muito pouco naquela época, então, a Zona do Baixo Meretrício foi formada naquela área ali por meninas que vinham do interior, porque perdiam a virgindade e os pais a expulsavam de casa.”

“Diziam o seguinte “vou te botar na casa de um parente em São Luís” porque era uma vergonha para a família, a filha ser desvirginada sem ter casado, era uma desonra, aí a menina vinha para cá com a promessa de estudar ou de trabalhar em uma casa de família e era jogada na mão de uma cafetina, que chamavam de madame. E esta cafetina submetia aquela menina à prostituição, explorava, uma espécie de “rufianismo”. Aquela condição daquela pessoa que chegou em São Luís desprotegida, porque os pais expulsaram, ou algum marido tirânico que foi traído e expulsou.”

“E na minha pesquisa, o que eu descobri? Que muitas dessas mulheres, quando envelheciam, elas acabavam os dias no asilo de mendicidade, porque elas tinham perdido completamente o vínculo biológico, sanguíneo, e a identidade familiar, porque no momento que eram expulsas, os familiares perdiam o contato”.

Sua experiência morando no bairro durou apenas 14 anos, mas não só lhe concedeu um profundo conhecimento da Zona, mas também permitiu um significativo crescimento pessoal, levando-o a se tornar escritor e compositor.

“A minha vivência no Centro me influenciou muito, mas ser escritor, ser poeta, é um dom de Deus. Ser compositor parece que alguém que manda aquela letra para ti, mas certamente me influenciou, porque eu vi várias pessoas da minha época, mais velhas, que faziam. Lá tinha esses blocos de ritmos também, obviamente que eu não participava, eu era um garoto, meus pais não iam permitir, e na época também não era permitido à criança participar disso.”

“O Desterro, até hoje, é um bairro bom de morar e, apesar de ele estar ali, num ambiente tido, entre aspas, como um bairro marginal, a população de moradores que ocupava aquele ambiente era de pessoas honradas. Nunca vi nenhum morador do bairro do Desterro se envolver com a delinquência, quem praticava delitos naquela área ali eram pessoas que vinham de fora para se divertir na Zona do Baixo Meretrício, às vezes alcoolizadas ou submetidas a algum tipo de droga, mas a população que morava ali toda era honrada. “

“O bairro leva esse nome porque a história conta que a nossa formação foi feita a partir de pessoas que eram condenadas, segregadas em Portugal que vinham para cá. Então, segundo algum historiador, disse que ali era o “Desterro”, porque o fulano estava desterrado, então, o sujeito que chegava aqui em São Luís, e não tinham onde morar, não tinham onde ir, jogavam para aquela área dali, aí foi criado o chamado bairro do Desterro.”

“O bairro tinha uma importante atividade mercantil, ali no Desterro era o lugar onde várias embarcações vindas da Baixada maranhense encostavam, barcos, bianas, lanchas, iates, eles traziam do interior gêneros alimentícios, banana, laranja, manga, galinhas, patos e babaçu e levavam daqui óleo, açúcar, sabão, café, arroz. Eles traziam isso e muitas vezes a política era do escambo, se eles não conseguiam vender, eles trocavam aqui, um cofo de galinha por um pacote de café grande de cinco quilos, dez quilos. E fora isso, o Desterro foi um bairro, e continua sendo um bairro cultural, lá no Desterro nós temos a escola de samba, a flor de samba, nós tínhamos o grupo do Bumba Boi do Maracanã, que todo ano ia para lá, nós temos lá vários escritores e compositores.”

“Então o Desterro sempre viveu essa efervescência, até talvez por conta da influência da Zona do Baixo Meretrício, onde na época tocavam muitas músicas que chamavam de cafona, música cafona que hoje é o brega. Odair José, Waldic Soriano, Newton César, Ângela Maria, Diana, Golden Boys, Maísa, Núbia Lafayette, Roberto Miller, e vários outros cantores que fizeram muito sucesso na época, e que tinham músicas com letras que se adequavam perfeitamente àquele ambiente libidinoso.”

“Então muita gente ia para lá curar suas mágoas, meretrizes, como eu digo aí no livro e garçons serviam como psicólogos, psicanalistas, porque às vezes muitos clientes iam para lá, as pagavam só para escutar, não tinham aquele vigor sexual. Ele entrava no apartamento da Meretriz e não mantinha relação sexual com ela, ele queria ser ouvido, porque foi traído pela esposa ou traído pela namorada, o que quer que seja e, o garçom trazia uma bebida, botava uma música, o cara chorava, às vezes o estabelecimento queria fechar uma hora, duas horas da madrugada, o cara não queria ir embora, porque ele não tinha para onde ir, ele tava brigado com a mulher e tudo mais, então haviam vários frequentadores nesse ambiente, viciados em jogos de azar, pessoas de todo tipo de caráter e personalidade, pessoas de bom caráter, de boas famílias e de péssimo caráter, de péssimas famílias.”

“Tiveram mulheres, cafetinas, que enriqueceram na Zona do Baixo Meretrício na época da construção do aeroporto de São Luís. O aeroporto foi construído por soldados americanos, e qual era a diversão deles? Ir para a Zona. Terminava o serviço, iam para a Zona e pagavam em dólar, pagavam tanto as meretrizes, quanto as madames, donas do cabaré, então aquelas mais inteligentes guardaram dinheiro e expandiram, compraram carros, casas, envelheceram bem, outras não.”

“Outras falaram que todo o dinheiro que ganhavam gastavam depois em orgias e com seus gigolôs, toda prostituta tem um gigolô, tem um cara que ela gosta e, esse cara ela dá tudo para ele, dá a camisa dele, dá a calça para ele, dá o melhor amor para ele. Ali em três clientes que ela que ela transa na noite, ela obtém algum lucro e ela gastava aquilo al, três clientes que a pagassem bem, ela tinha feito o dia.”

“Aqueles prédios ali, onde funcionavam esses cabarés, não eram daquelas mulheres, elas não eram proprietárias, elas alugavam. Aqueles prédios eram de pessoas da sociedade, pessoas aquinhoadas da sociedade que alugavam e, ali à

noite, inclusive tinham várias pessoas que iam a pretexto de tomar caldo de ovos, e queriam, por curiosidade, ver o que estava acontecendo ali. Ali servia uma boa peixada.”

“Quando uma meretriz engravidava, assim que pariam, doavam imediatamente a criança para alguém, não era permitido ficar lá no ambiente da Zona. Para quem eram doadas, eu não sei, e também não sei se era entregue ao próprio pai biológico, considerando o conservadorismo da sociedade na época, que não admitia esse tipo de coisa.”

“Todas as criaturas são divinas, os animais, nós, seres humanos, os insetos, tudo, os peixes, tudo. As prostitutas também eram criaturas de Deus, e a maior prova é que Jesus, quando esteve aqui na Terra, andou com três prostitutas, mas um fato curioso que eu retrato no livro, e que me chamava a atenção, é que o padre da época não permitia que as meretrizes frequentassem as missas.”

Ali no Desterro, bem no canto do convento das Mercês, parece-me que havia um muro, um muro invisível, uma linha divisória, nem as mulheres casadas de bem passavam para lá, e nem as prostitutas iam para cá. Quando as mulheres casadas ou solteiras de família queriam ir, por exemplo, à Rua Grande ou a um lugar chamado Ferro de Engomar, comprar alguma coisa. Chegavam bem ali e dobravam a esquina, para pegar a Rua Afonso Pena e subir, não passavam direto. Nós, homens, passávamos ali direto. A noção que elas tinham é que elas não deviam passar ali, e as prostitutas também, que não deviam vir para cá, porque eram consideradas mulheres perdidas, decaídas.”

As meninas, quando começavam a estudar, que já iam sozinhas para a escola, elas sabiam que não podiam passar ali, e muita gente, até eu, que era homem, ficava travado quando me perguntavam onde eu morava, porque o Desterro era um bairro considerado barra pesada, marginal e tinha o tal do *bullying*, que não tinha esse nome, mas a turma começava a fazer pilhéria, caçoada, dizer o seguinte “ah, tu é filho de puta, lá certamente no teu bairro deve usar drogas e tal”. Aquelas coisas todas.”

“Essas pessoas não iam para o Desterro, porque a Praia Grande, na época que eu me entendi, já era um bairro só comercial, as pessoas que tinham dinheiro aqui, moravam para essa região: ali na rua Rio Branco, na rua do Alecrim, depois no São Francisco, quando teve a construção da ponte, na praça da igreja de Santo

Antônio, na Beira Mar, onde tinham vários bangalôs, morava o governador, é onde essas pessoas importantes moravam.”

Para o autor, a Zona teve seu fim com a construção da ponte do São Francisco, conseqüentemente com a expansão urbana que ela e o aterro ocasionaram. “Com a ponte e com a barragem do Bacanga surgiram bairros como Anjos da Guarda, o São Francisco, Ponta d’Areia, então, surgiram os chamados motéis, que não existiam, porque antigamente, o encontro íntimo era lá mesmo na Zona, e o cara ia para lá se expor.”

“Quando a cidade expandiu, ninguém mais foi para a Zona, os encontros passaram a ser em motel, as meninas que estudavam só naquele perímetro ali e mulheres que moravam foram pra outros bairros, os navios que quando chegavam aqui, eles ficavam afundeados ali perto do espigão da Península, eles passaram a atracar no Porto do Itaqui, porque a barragem do Bacanga levou para lá.”

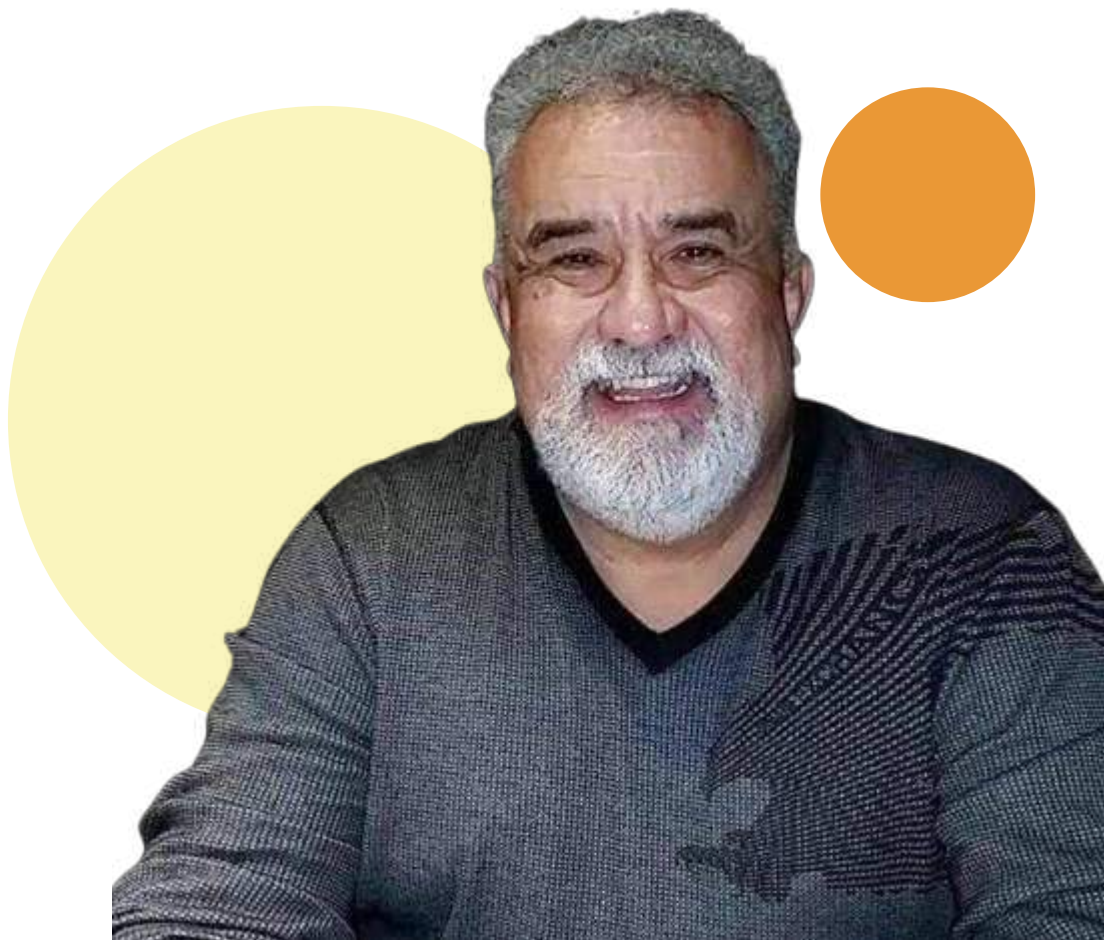
“Então, o Meretrício, que antigamente estava localizado naquela área, expandiu, aí começaram a surgir bares no Anjo da Guarda, na região do Itaqui-Bacanga, na região do São Francisco, chateaus, motéis, pensões, porque a cidade cresceu. E aí, o que aconteceu? Aquelas mulheres que ficavam esperando os homens aqui na Zona perderam os seus clientes, porque ninguém mais veio se arriscar. O cara não ia sair do bairro de João Paulo, do bairro de São Francisco, para ir para lá, se tinha diversão lá, se tinha cabaré lá, se tinha barzinho.”

**Figura 25:** Ponte Governador José Sarney, ano desconhecido.



Fonte: Minha Velha São Luís

## MOUCHREK



Fernando Elias Mouchrek morou no Centro desde seu nascimento até quase os 65 anos de idade. É descendente de libaneses, seu pai veio junto com o avô em decorrência a guerra no Líbano e desde então passaram a habitar a casa 209 da rua das Flores, logo atrás da Igreja São João Batista.

“Vivenciei o momento áureo do Centro da cidade, nesse tempo não existia o outro lado, era somente o asilo, então todas as grandes famílias que tinham mais condições, moravam aqui, o chique era morar no Centro: rua das Flores, rua do Sol, rua da Paz, rua Grande, que além de ser uma rua de comércio, tinham famílias abastadas morando e todas essas transversais também moravam famílias, aqui mesmo atrás da igreja de São João, além da família de papai, a família Mouchrek, nós tínhamos a família de seu Lira, a família do Sócrates, tinha o Tribunal de Justiça,



descendo tinha o seu Ramos e a famosa padaria que até hoje existe, a padaria Santa Maria, das famosas bolachinhas”.

**Figura 26:** Padaria Santa Maria, localizada na esquina da rua das Flores com a rua dos Afogados.



Fonte: Foursquare, 2023.

Para Mouchrek, o Centro tinha várias características que atraíam as pessoas e faziam o bairro pulsar “Nós tínhamos um centro cultural, sempre existiu o museu histórico que até hoje fica na rua do Sol, nossa única casa de espetáculo, que é o Teatro Arthur Azevedo, que antes de ser teatro era o Cine São Luís, onde grandes companhias de ópera vinham da Europa para se apresentavam aqui, tinham bailes de carnaval famosos no teatro, onde era o palco, eles faziam um tablado para fazer desfiles de fantasia, cansei de ser levado, tinha os carnavais de ruas, os blocos tradicionais desciam a rua do Sol, a rua da Paz, na praça Deodoro, se reuniam para brincar. Os blocos tradicionais tinham um estilo único, veio de 1929/30, eram os famosos blocos de tambores grandes, o mais famoso era bloco dos Vira-latas, meu pai João Mouchrek foi um dos fundadores.”

“Era um grande centro religioso, além da igreja de São João, tínhamos as igrejas de Santana, da Sé, de Santo Antônio, que faziam atividades, São João e isso tinha público”.

“Outra coisa interessante do Centro Histórico que a gente pode resgatar, era o Senadinho, na praça João Lisboa, pessoas da época que se reuniam, senhores, senhoras, inclusive meu pai, que iam conversar sobre aspectos políticos, aspectos culturais, trocavam ideias.”

O pai de Mouchrek, além de fundador do Moto Club e do bloco de carnaval, era um comerciante da Praia Grande, tinha uma perfumaria chamada Lotus e trabalhava na fábrica de óleo do Abud, responsável por mandar óleo de babaçu para o mundo inteiro, ficava localizada na travessa Boa Ventura, onde hoje é o Banco do Brasil, ao lado da Câmara Municipal. “A Praia Grande era cheia de um comércio rico, era uma grande efervescência, depois virou uma decadência”.

Viveu uma infância feliz, brincava na rua, não tinha internet, jogava bola, corria, empinava papagaio, amava tocar campainha da casa dos outros e sair correndo, brincar de preto fugido (hoje chamado de pega-pega), de chucho<sup>3</sup>, peteca. “A gente brincava, a gente era feliz, não tinha medo de assalto”.

Fez o jardim na escola Antônio Lobo, do lado da Igreja de Santo Antônio, depois estudou na escola Modelo Benedito Leite e no colégio Ateneu Teixeira Mendes no ginásio e acabou o curso científico (ensino médio) no Liceu Maranhense.

---

<sup>3</sup> Chucho: O chucho era uma pequena haste de ferro fino com a ponta afiada para perfurar o chão e nele traçar linhas retas. Às vezes, as crianças pegavam as agulhas de fazer crochê de suas mães ou as chaves de fenda de seus pais para fabricarem elas mesmas os seus chuços. O jogo requeria muita habilidade e manejo com as mãos, consistia em traçar uma linha no chão e o primeiro jogador deveria lançar o chucho acertando na ponta do risco da linha ou se aproximando o máximo dela. Se ele acertasse, ia então traçando outras linhas na tentativa de encontrar com a outra ponta, fazendo o desenho de um triângulo ou losango. Se ao jogar o chucho e este caísse muito longe da marca inicial, outras linhas iam formando-se no chão de terra e, conseqüentemente, outros desenhos triangulados. Ganhava aquele que conseguisse fechar a seqüência do desenho primeiro ou ainda criando um cerco em torno do desenho do seu oponente. (Sesc, 2017)

**Figura 27:** Colégio Ateneu Teixeira Mendes (anos 50).



Fonte: Miécio Jorge via Minha Velha São Luís.

Foi no Liceu que começou o canto coral, lá tinha aulas de canto orfeônico com a professora Marion. Naquela época cada escola tinha seu coral e concorriam nos festivais de corais escolares e festivais de música que eram famosos e lançaram vários artistas famosos como Sergio Habibe, Josias Sobrinho e Cesar Teixeira.

No ano de 77 criou o Coral São João a pedido do padre Márcio Pacerine, para concorrer no primeiro Festival Maranhense de Coros (Femaco). Junto com Chico Pinheiro, outro maestro, teve 3 meses de preparação e com apenas 7 músicas o Coral São João levou 1º lugar na fase estadual e 2º na fase nacional.

Após isso, São Luís se tornou a capital do canto coral, com grandes Femacos, que traziam corais de outros estados e até de fora, como da Suíça, trazido pelo próprio Mouchrek, e do Chile.

São 47 anos de dedicação ao coral e a cultura maranhense, mais de 2.500 apresentações que renderam muitos prêmios, viagens para festivais nacionais e internacionais, onde pode divulgar não só o canto coral, mas também a música maranhense.

**Figura 28:** Coral ao longo dos anos.



Fonte: Acervo do entrevistado

Mouchrek ficou na sua antiga casa até seus pais falecerem, eles relutavam em se mudar para outro local, apesar das tentativas dos outros filhos, que temiam pela segurança dos pais, sua mãe dizia “fora daqui você olha para a rua, só vê muro e cachorro”, ela era uma senhora que gostava de ficar sentada na porta olhando a vizinhança. Sua família foi uma das únicas que resistiu naquela rua que aos poucos foi transformada em uma rua apenas comercial.

## FAMÍLIA AZEVEDO



Francisco Moraes Azevedo (1928-2011), era um comerciante bem-sucedido da região de Parnarama-MA que vivia viajando pelos povoados. Ao passar pelo povoado de Canto Bom, se depara com uma professora chamada, Hilneth Naura da Costa Azevedo (1933-2002) e por conta dos costumes da época, se casam em pouco tempo, ele aos 22 e ela com 17 anos. Juntos tiveram 8 filhos: Irma, Neth, Wilson, Hamilton, Crescêncio, William, Naura e Wellington.

**Figura 29:** Os filhos de Francisco e Hilneth.



Fonte: Acervo pessoal.

Por ser conhecido na região, Chico Azevedo acaba se tornando vereador da cidade. Depois de apenas um mandato como vereador, o antigo prefeito da cidade, chamado Marrocos, decide lançar sua candidatura para ser seu substituto. Depois de eleito, começou a ter desentendimentos com o antigo prefeito sobre como gerir a cidade e por questões de corrupção.

“O antigo prefeito, achando que ele era bobo, que ele podia ser um pau mandado, lançou ele pra prefeito, mas na intenção de depois ficar mandando. Aí papai foi eleito, assumiu a prefeitura, nos primeiros meses, ele foi na onda dele, entendeu? Mas quando ele viu que ele estava se explorando demais, cortou uma vez. Daí começou o desentendimento político na cidade. O papai querendo andar na linha, fazer as coisas corretas e o cara querendo morder o dinheiro dele, porque achava que ele era o dono da prefeitura”.

“No início do mandato a gente morava e estudava em Teresina, só que com a confusão, mamãe nos levou para Parnarama, eu, o Duda, Francinaura, Welington, ... menos Zé Irma e a Neth que foram para o Rio de Janeiro. Aí nós fomos para Parnarama, nos anos de 70 e ficamos lá até 71, eu (William) tinha 10 anos de idade.”

“Só que a briga política era grande, eles ameaçando, depois ficamos sabendo que papai tava jurado de morte, um sujeito lá andou cercando o Irma para matar. Então ficou essa confusão o tempo todo, denúncias em São Luís que o papai estava roubando, para poder tirar ele do mandato. E aí, quando foi no final do ano de 71, com essa confusão toda, a mamãe resolveu trazer todo mundo para São Luís, foi aí que nós chegamos...”

“A Neth, que tinha chegado do Rio de Janeiro, toda conhecida das coisas, resolveu comprar todos os móveis da casa em Caxias. Papai comprou a casa em São Luís, ali na Madre Deus, avenida Rui Barbosa, comprou uma casa lá, aí comprou os móveis em Caxias, no Armazém Paraíba.”

“O caminhão que trouxe os móveis trouxe a gente, na frente eram os móveis e atrás era a família todinha em cima desse caminhão. Ele vinha aberto e era a noite, nós saímos de lá às seis da tarde para poder passar na polícia rodoviária sem ser visto pelos guardas, porque não podia passar em cima de caminhão, entendeu? E aí quando a gente chegava na rodoviária, tipo cinco quilômetros antes, o caminhão parava, a gente ficava escondidinho debaixo da lona e todo mundo caladinho. Aí o caminhão passava pela polícia rodoviária federal, depois que passava lá na frente, aí

tirava de novo a lona. O caminhão ia aberto, de noite, sem chuva, aquela ventilação, era uma viagem maravilhosa.”

“Quando chegamos em São Luís, em 72, a gente foi para avenida Rui Barbosa, e lá, nessa época, foi que papai definitivamente foi cassado. Com essa briga política, ele foi para o tribunal, só que o advogado que ele contratou, caro, advogado famoso em São Luís, na hora, no dia da causa, ele foi para Brasília, deixou o papai na mão, na hora, o papai ficou sem advogado e perdeu a causa, mas ele podia recorrer, mamãe que disse “não, deixa para lá.”

“Com a perda do mandato, ficamos em São Luís, sem nada, no chão, entendeu? Quebrados. Estudamos na marra esse resto de ano, mamãe aguentou com o papai ainda até o resto do ano. Eu já tinha doze anos. Quando terminou 72, fomos passar as férias na Barra (da Juçara), só que papai não teve condições pra gente voltar. Aí ficamos lá, um ano sem estudar.”

“A casa aqui, com essa guerra todinha, o papai não pôde pagar. Papai teve muito prejuízo, porque tinha muito dinheiro envolvido na prefeitura, que ele, em vez de roubar a prefeitura, ele dava. Ele de Caxias com o dinheiro pra ir pra Barra, pra Parnarama, naquela estrada. Aí os professores... “Ah, senhor Francisco, eu to sem dinheiro” ele ia pagando, não tinha recibo, era tudo na palavra, entendeu? Era tudo desse jeito. Ele não tinha organização nenhuma. Aí ia pagando, ia pagando, ia pagando, resultado: quando ele tava achando que ia receber, que ia prestar conta... Prejuízo total. Em vez de sair rico, saiu pobre.”

“Quando foi no final de 73, para 74, mamãe pegou uma carona no caminhão que vinha de Buriti Bravo, ela foi a pé da Barra lá para a pista, depois do Paiol, já chegando na Crimeia ali. Ela foi para lá aventurar uma carona, que não tinha carro de linha naquela época. Ela pegou uma carona no caminhão e foi para Caxias, de Caxias foi para São Luís, e aqui em São Luís, ela encontrou uma casa ali na Vila Passos. A casa alugada na rua Castro Alves, era o que eles chamam de meia morada, com dois quartos, uma sala, uma copa e uma cozinha, o banheiro era lá no fundo do quintal. Lá nós ficamos até 79.”

“Só que aí não tinha móvel na casa não. Os móveis que a gente tinha comprado ele devolveu tudo, não tinha dinheiro pra pagar, o homem ficou quebrado, quebrou que apartou e aí devolveu tudo. E aí o que aconteceu? Ele só não devolveu as camas de campanha que a gente dormia, umas camas que o colchão era fininho,

cinco centímetros só de colchão. O fogão, e eu acho que só. O resto não tinha mais nada não.”

“E aí veio todo mundo de novo, dessa vez de ônibus. Quando nós chegamos aqui, todo mundo foi estudar, procurar trabalhar. Mamãe começou a fazer chapéu para vender, para poder fazer dinheiro para comer, passamos baixo. O nosso cardápio era carne moída com macarrão num dia da semana, aí outro dia era arroz com umas batatinhas que tinha lá no quintal, eu não sei que batata era aquela. Tinha também miolo de boi que ela fazia com ovo e a gente comia com arroz. E aí depois esse cardápio foi melhorando, todo mundo foi trabalhando, o Zé Wilson arrumou emprego, Hamilton começou também trabalhando na rodoviária, vendendo passagens, depois ele foi mudando, trabalhou numa empresa de venda de carro através de uma financeira. E aí todo mundo foi trabalhando, ajudando em casa, e então o alimento foi melhorando.”

“Em 74, 75 as coisas foram melhorando, quando a gente chegou lá sem um móvel, o tio da mamãe deu um jogo de cadeiras, depois ele deu um jogo de sofá bem antigo também, a gente ficava por lá. Por fim, em 77, o Zé Irma com o Zé Wilson, compraram um sofá novo, vermelho. Papai comprou uma televisão em 75, que era pra gente ficar em casa, largar de sair pra rua. E aí, foi comprando as coisas devagarinho. Comprando um guarda-roupa, organizando a casa, melhorando as coisas.”

“Foi quando saiu o anúncio no jornal de um pensionato para vender, no Centro, na Cândido Ribeiro, e lá foi mamãe com Duda em 79. O pensionato hospedava os peões que trabalhavam na Eletronorte, eles estavam se instalando aqui na época e os peões moravam lá, à noite dormiam e iam de manhã pra BR, depois da Alumar. E aí, o cara que tomava de conta lá, tava cansado, não queria mais e queria uma pessoa pra assumir a casa as pessoas, eram uns 30 homens, parece.”

“Ele tava pedindo pra fazer 30 mil na luva, pelo espaço lá, porque tinha umas camas verdes feitas de madeira, muito mal feitas, cama de beliche, com colchão, onde as pessoas dormiam. Aí a mamãe sem um tostão, aí o Duda disse “mamãe, mas o que que a senhora quer com o hotel? A senhora já tem um em Caxias” tudo mentira. Não tinha nada, tava mentindo pro cara achar que a gente tinha bala, falou assim um pouco baixo, que era pra ele achar que era verdade, aí mamãe ficou com vergonha, mas o cara escutou a história e achou que realmente a mãe tinha bala,



entendeu? Aí ele “não, mas eu vendo fiado pra você, eu lhe dou um prazo, você vai procurar o dinheiro, lhe arrumo em três parcelas, em duas ou três, não sei, eu lhe vendo fiado, lhe dou um prazo aí pra senhora paga.”

“Aí o que aconteceu? Mamãe conseguiu dez mil com o seu Filinto (um conhecido da família), ele disse que não tinha o dinheiro, mas que ia pegar no banco pra ela, emprestado, e aí pediu esses dez mil pra outra pessoa, e arrumou mais dez mil, eu sei que ela conseguiu o dinheiro e comprou o hotel e pagou direitinho. Assim surge a primeira pousada Cristo Rei, de esquina com a Fábrica Santa Amélia.”

**Figura 30:** Fachada da primeira Pousada



Fonte: Acervo pessoal.

“No início era só homem, aí, depois de um tempo foram mudando, aquela equipe que era da Eletronorte já tinha indo embora, só que o que aconteceu? A comida de mamãe era muito boa, e aí o pessoal que voltava de noite só pra jantar, passou a levar também o almoço. O pessoal foi gostando da comida, indicando, aí foi saindo as pessoas, e entrando outras, entrando outras. Por fim, depois de dois anos já, a Rua Grande toda praticamente comia lá no restaurante, comida boa.”

**Figura 31:** Fotos de Naninha (Hilneth) na cozinha.



Fonte: Acervo pessoal.

“Ficamos na Cândido Ribeiro por muito tempo, nesse meio tempo, mamãe pagando aluguel, depois eu não sei em qual ano, mas paramos de pagar, porque o prédio virou patrimônio da UFMA. Ficamos lá como se fosse uma concessão. Aí o Tio Didi (irmão da Hilneth) veio pra cá, e resolveu botar uma pousada, lá na mesma rua, só que era em cima, mais perto da Rua Grande. Aí ele organizou lá, tudinho, decorou, sabia arrumar as coisas, deixou tudo organizado “Naninha, isso aqui é pra ti também”, sorte, porque em 94, a UFMA pediu o prédio, do jeito que tivesse, então nos mudamos pra pousada do tio Didi.”

**Figura 32:** Segundo Cristo Rei



Fonte: Acervo pessoal.

Praticamente todo o mobiliário da casa teve que ficar no prédio, já que a outra pousada estava toda mobiliada também “Já estava cheio de coisa lá. O que pôde tirar, tirou. O restante ficou para a UFMA e perdeu. Ficou lá guardando em algum lugar lá e ninguém foi buscar”. Apesar da retomada de posse, a UFMA ficou com o prédio funcionando de depósito até 2015, quando então reformaram e passou a abrigar os cursos de Turismo e Hotelaria.”

Além das duas pousadas na Cândido Ribeiro, Naninha ainda administrou uma pousada na rua da Palma por um tempo, foi quando o trabalho e a idade pesaram e então decidiu voltar para o interior para cuidar da sua saúde e a do marido. Ainda hoje, a segunda pousada segue com o mesmo nome e a mesma placa.

**Figura 33:** Segunda Pousada Atualmente



Fonte: Google Streetview, 2022

Nessa época, os filhos todos já estavam com suas vidas encaminhadas e apesar de alguns morarem em outros bairros, o Centro ainda era o local onde trabalhavam e se divertiam.

“Naquela época não existiam muitas festas, nem lanches também. Saia das festas e tinha que comer em casa. Só tinha um lugar, o abrigo da João Lisboa. Quando saia da festa, ia lanchar lá, pão com ovo, não existia hambúrguer não. Na Ponta d’Areia existiam alguns bares, não tinha música ao vivo, funcionavam com música eletrônica. O que tinha muito nessa época eram festas de aniversário, toda semana tinha aniversário pra você ir, era a diversão que tinha. Boate só tinham duas, uma no

alto do Banco do Estado do Maranhão (BEM) e outra lá no Araçagi, chamada Lá em Casa. Era isso que se resumia a vida noturna de São Luís”

“O primeiro hambúrguer de São Luís começou com um goiano que veio construir aquele prédio do Ministério da Fazenda, ele veio nessa construtora. Aí ele alugou um ponto na Deodoro, bem na esquina ali onde tem a Caixa Econômica ele botou uma lanchonete para vender hambúrguer. Era lotado. E o que ele fazia? Como dentro não cabia muito, o pessoal ficava na praça, aí ele fez umas bandejas com um gancho assim para enganchar na porta do carro. Aí a pessoa pedia o lanche, ia lá, pagava, “ah, eu estou naquele carro bem acolá.” Aí o garçom chegava, engatava a bandeja bem na porta do carro. E tinham umas mesas lá pelo meio da rua, mas dentro mesmo não cabia ninguém não. Era só o balcão, foi a primeira hambúrgueria de São Luís. O cara ganhou o dinheiro, mas depois foi embora, aí outros começaram a copiar”

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal documentar narrativas de habitantes do Centro Histórico de São Luís visando preservar a memória, muitas vezes desconhecida do bairro e também desmistificar a ideia de que o Centro é um local abandonado ao evidenciar sua importância na vida de muitas pessoas. Além disso, procurou-se analisar como o conceito de habitar transcende a ideia de um simples morar a partir das definições de Pallasmaa e também dos próprios moradores.

As histórias coletadas aqui revelaram uma rica tapeçaria de narrativas pessoais e vivências únicas. Ao explorar suas perspectivas, rotinas e memórias de infância, pode-se compreender melhor a complexidade e a vitalidade desse bairro histórico. Contrariando a visão comum de que o Centro é um lugar abandonado, as entrevistas revelaram uma comunidade resiliente e vibrante, cujas histórias e experiências são essenciais para compreender a verdadeira essência e identidade do Centro Histórico. Além de confirmarem a importância da habitação no contexto da preservação, também se revelou importante no contexto pessoal, ao habitar e acolher o espaço e o tempo.

Ao longo da pesquisa, foi possível verificar como as influências da modernização e da própria evolução da cidade afetaram o quantitativo populacional e a relação da população com o bairro, contribuindo para narrativa do bairro como desabitado. Mas essa ideia surge também da limitação que muitas pessoas têm do que, de fato, é o Centro Histórico.

Apesar dos desafios enfrentados na realização deste trabalho, como o tempo reduzido para realizar as entrevistas e a dificuldade de acesso às pessoas, principalmente a falta de uma entrevista com Seu Zeca, o responsável pela ideia inicial de documentar essas memórias, foi possível coletar histórias valiosas que merecem ser preservadas e compartilhadas. Estas narrativas não apenas enriquecem nossa compreensão do Centro Histórico, mas também contribuem para a construção de uma memória coletiva e para a valorização desse importante patrimônio cultural e humano.

Este trabalho representa apenas o início de um esforço para documentar e celebrar as histórias daqueles que deram vida e significado ao Centro Histórico de São Luís.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. **Reabilitação do centro histórico de São Luís**: análise crítica do programa de preservação e revitalização do centro histórico de São Luís/PPRCHSL, sob enfoque da conservação urbana integrada. Tese (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) –Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, p. 247. 2006.

BRAGA, Paula Marques; SANTOS Jr, Wilson Ribeiro dos. **O Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador e as lições das Cartas Patrimoniais**. Arquitextos, n. 107e510, abr. 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.107/59>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CABRAL, Michelle Nascimento. **Jogos, brinquedos e brincadeiras**. São Luís: NCFonseca, 2017. Disponível em: [https://www.sescma.com.br/wp-content/uploads/2020/10/JOGOS-BRINQUEDOS-E-BRINCADEIRAS-cartilha-SESC-Michelle-Cabral-PROPOSTA-DO-SESC\\_Web.pdf](https://www.sescma.com.br/wp-content/uploads/2020/10/JOGOS-BRINQUEDOS-E-BRINCADEIRAS-cartilha-SESC-Michelle-Cabral-PROPOSTA-DO-SESC_Web.pdf). Acesso em 22 mar. 2024.

CAFETEIRA, Epitácio. **Reviver Revival**. Senado Federal, Centro Gráfico, 1994.

CARDOSO, Paula Paoliello. **A reabilitação de edifícios para uso residencial multifamiliar no centro histórico de São Luís/MA**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**. São Paulo: Contexto, 2010. 143p.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling**: uma descrição dos métodos. 2013. Monografia (Bacharelado em Estatística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

GOODMAN, Leo A. Comment: On respondent-driven sampling and snowball sampling in hard-to-reach populations and snowball sampling not in hard-to-reach populations. **Sociological methodology**, v. 41, n. 1, p. 347-353, 2011.

IBGE. **Malha de Setores Censitários**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html?=&t=sobre>. Acesso em: 20 fev. 2024.

IPHAN. **Resolução de São Domingos**. 1974. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Resoluc%CC%A7a%CC%83o%20de%20Sa%CC%83o%20Domingos%201974.pdf>. Acesso em 11 mar. 2024.

IPHAN. **PAC Cidades Históricas**: Resumo por cidade/UF. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Investimentos%20por%20cidade.pdf>. Acesso em 10 jan. 2024.

IPHAN. **Obras do PAC Cidades Históricas – São Luís (MA)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1781/>. Acesso em 10 jan. 2024.

KASPER, Christian Pierre. **Habitar a rua**. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo, p. 225. 2006.

LACERDA, Norma; ZANCHETI, Sílvio. Valores dos bens patrimoniais. **Plano de gestão da conservação urbana**: conceitos e métodos. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, p. 44-54, 2012.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução: Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOPES, José Antonio Viana (org). **São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara**: guia de arquitetura e paisagem. Ed. Bilingüe. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda. 2008.

MATOS, Heider. **Oleama**: a empresa maranhense que já foi considerada a melhor do Brasil. 2017. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2017/11/11/oleama-a-empresa-maranhense-que-ja-foi-considerada-a-melhor-do-brasil>. Acesso em 20 fev. 2024.

Mapa de Arruamento e Bairros de São Luís. São Luís: INCID. 2010. 1 mapa, color. Escala 1:20.000

Mapa Levantamento Urbanístico: Uso do Solo Urbano Centro Histórico. São Luís: SECMA. 2008. 1 mapa, color. Escala 1:3.000

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de pesquisa. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. V. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297

MINISTÉRIO DA CULTURA. **PAC Cidades Históricas**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/novo-pac/pac-cidades-historicas#:~:text=O%20PAC%20Cidades%20Hist%C3%B3ricas%20foi,aos%20s%C3%ADtios%20hist%C3%B3ricos%20urbanos%20protegidos>. Acesso em 06 mar. 2024.

PALASMAA, Juhani. **Habitar**. Tradução e revisão técnica: Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PEREIRA, Andressa Sousa. **Estrutura Fundiária e perfil socioeconômico de proprietários e inquilinos do Centro Histórico de São Luís**: Estudo do uso do solo, tipologia, estilo e estado de conservação dos imóveis do Centro Histórico de São Luís. São Luís, 2023



PINTO, Neres. **Confira a história de becos e ruas de São Luís com nomes diferentes.** 2020. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2020/09/confira-a-historia-de-becos-e-ruas-de-sao-luis-com-nomes-diferentes/8/#the-post>. Acesso em 06 mar. 2024.

PORTAL DA AMAZÔNIA. **Pregoeiros: personagens históricos das ruas de São Luís.** 2023. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/pregoeiros-personagens-historicos-das-ruas-de-sao-luis>. Acesso em 23 mar. 2024.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **ZBM: o reino Encantado da Boêmia.** São Luís: Lithograf, 2002.

RODRIGUES, Giseli Giovanella; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **A importância da memória para uma cidade.** Revista Destaques Acadêmicos, v. 2, n. 2, 2011.

SÃO LUÍS, Prefeitura Municipal. **Programa de Revitalização do Centro Histórico de São Luís.** São Luís, 2006.

SEMOSP. **Prefeito Eduardo Braide entrega Praça do Folclore Valdelino Cécio totalmente revitalizada.** 2023. Disponível em: <https://www.saoluis.ma.gov.br/semosp/noticia/40451/prefeito-eduardo-braide-entrega-praca-do-folclore-valdelino-cecio-totalmente-revitalizada>. Acesso em 23 mar. 2024

SILVA, João Ricardo Costa; ODVAL, José. **Características Demográficas do Centro Histórico de São Luís.** Revista Brasileira de Sociologia, vol. 8, núm. 18, pp. 138-160, 2020.

TERRA, Juan. **UFMA premia com Mérito Cultural 17 artistas por suas contribuições à cultura maranhense.** 2022. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/ufma-premia-com-merito-cultural-17-artistas-por-suas-contribuicoes-a-cultura-maranhense>. Acesso em 21 mar. 2024.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados.** 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2021/09/seu-zeca-morador-mais-antigo-do-centro/>. Acesso em 23 jan. 2024.

ZANCHETTI, Silvio Mendes. **Conservação Integrada e planejamento urbano: uma revisão.** Cadernos de Estudos Sociais, v. 19, n. 1, 2003.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada  
**“MEMÓRIAS SOBRE O HABITAR NO CENTRO”**.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) responsável Isis Maria Barbosa Azevedo, através do telefone: (98) 9 8233-8361 ou através do e-mail: **isismbazevedo@gmail.com**.

A presente pesquisa é motivada pelo propósito de desmistificar a percepção do centro como um local vazio. O objetivo desse projeto é documentar memórias de moradores sobre como é habitar no centro, destacando a riqueza dos valores sociais, culturais e humanos presentes e, assim contribuir com a desconstrução da narrativa que retrata o centro histórico como um vazio urbano. Para coletar os dados será realizada uma conversa afim de conhecer a perspectiva do entrevistado sobre o **“morar no centro”**.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo caso não permita.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada  
**“MEMÓRIAS SOBRE O HABITAR NO CENTRO”**, de forma livre e espontânea, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento.

São Luís-Ma., \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2024.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do responsável pela pesquisa

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante